

## **Os hinos são presentes: algumas considerações sobre a oferta de cânticos no Santo Daime**

**Lucas Kastrup F. Rehen<sup>1</sup>**

O presente texto apresenta o quinto capítulo da dissertação de mestrado intitulada: “Recebido e Ofertado: a natureza dos hinos na religião do Santo Daime”, defendida em março de 2007 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da UERJ.

Este capítulo está voltado para uma discussão sobre as situações que envolvem a oferta de hinos, praticada pelos adeptos do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) e demais grupos seguidores da “linha do Padrinho Sebastião”, quando o daimista presenteia outro membro da religião por intermédio de canções de louvor, ligando o mundo dos espíritos e os homens pelo ato do presentear. Esta etapa do trabalho é precedida por uma revisão da literatura antropológica voltada para estudos clássicos sobre a dádiva, destacando a discussão acerca da troca como uma “gramática”.

Os dados aqui analisados são formados pelo conjunto de dez entrevistas em profundidade. Entre os informantes está Alfredo Gregório de Melo, presidente mundial do CEFLURIS que esteve no Rio de Janeiro em outubro de 2005 e me concedeu breve entrevista, além de uma nova conversa (sem gravador) que tivemos quase um ano depois. Nilton Lucas Caparelli e Paulo Roberto Silva e Souza – líderes, respectivamente das igrejas “Jardim Praia da Beira-Mar” e “Céu do Mar” na cidade do Rio de Janeiro - além de Tereza Paes Leme, esposa de Caparelli, também forneceram depoimentos. Os outros seis entrevistados são todos cariocas seguidores da religião, quatro homens e duas mulheres, variando entre vinte e setenta e cinco anos de idade.

Das dez pessoas por mim entrevistadas sete são doadoras e receptoras de hinos como oferta, duas delas são até o momento apenas receptoras de ofertas e uma não participa do circuito da troca de músicas que aqui será analisado. Cada um desses dez casos ilustra as múltiplas possibilidades de participação dos neófitos dentro do ciclo da troca de hinos, conforme veremos cuidadosamente.

As poesias cantadas compõem parte fundamental do “discurso oficial” da religião e as músicas propriamente ditas foram materiais imprescindíveis para a implementação desta pesquisa: tive

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutorando em Ciências Sociais pela mesma instituição.

acesso a mais de mil e novecentos hinos agrupados em quarenta cadernos e centenas de gravações. Durante a análise faço uso de inúmeros trechos dessas canções.

## **Capítulo 5**

### **A oferta de hinos: vínculos sociais e manifestação de afeto**

A “doutrina do Santo Dai-me” (rogativo do verbo dar) compõe um tipo de religiosidade inteiramente embasada na dádiva. Arneide Cemin (2001) demonstrou a fecundidade desta perspectiva quando analisou a relação entre o grupo de daimistas de Porto Velho e a relação que estabelecem com os “seres do astral”, recebendo curas, ensinamentos, ajuda, incumbências, etc. A oferta de hinos, uma das inovações do CEFLURIS, que estende a dádiva até uma troca de músicas no plano material, entre os adeptos, ainda não foi destacada em nenhum estudo devido à pluralidade de entradas que o objeto permite e inclusive porque Cemin - embora tenha pensado a interferência das entidades sobrenaturais em termos de dons e contra-dons - investigou basicamente os membros da vertente daimista conhecida como CECLU, não praticantes da oferta de músicas.

O foco deste capítulo é analisar o circuito da troca de hinos. Apresento, na primeira das três partes do texto a revisão bibliográfica de alguns estudos clássicos sobre a dádiva e em seguida falo dos hinários encadernados como possíveis biografias dos daimistas, analisando também a noção de “eu” a partir dos hinos narrados na primeira pessoa do singular. Investiga-se, na terceira e mais extensa seção do presente capítulo, as principais regras constitutivas da oferta de hinos, analisando situações específicas que envolvem as trocas entre os líderes e/ou entre estes e os demais fardados.

#### **1. Pressupostos teóricos: a troca como objeto de estudo das Ciências Sociais**

##### **1.1 Tomando o “Ensaio sobre a dádiva” como ponto de partida**

O “Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas” de Marcel Mauss (1974) é considerado bibliografia básica para todos os pesquisadores que querem pensar o tema da troca em Ciências Sociais. Sua maior contribuição foi demonstrar a multiplicidade de aspectos - políticos, sociais, econômicos, religiosos, etc - intimamente ligados aos sistemas de dádivas (trocas materiais vividas sob o signo da espontaneidade).

Mauss formulou a idéia-chave do “fato social total”, entendendo a circulação de dons e contra-dons como estando imbricada a diversos domínios da vida coletiva. Dessa maneira, aplicou e desenvolveu o conceito sociológico clássico dos “fatos sociais” - de Durkheim - ao apontar para a peculiaridade da sociedade como objeto de estudo científico, excluindo uma abordagem meramente psicológica ou fisiológica no estudo dos homens.

A análise voltou-se para o regime de direito contratual e para o sistema de prestações econômicas entre os diversos subgrupos que compõem as sociedades ditas “primitivas”, mencionando muitas vezes as cerimônias do *kula* trobriandês, presente na obra “Argonautas do Pacífico Ocidental” de Bronislaw Malinowski (1976 [1922]). Este sistema de trocas que consiste na circulação de braceletes e colares ofertados nas ilhas do Pacífico obedece a regras rígidas de circulação e se estende até a negociação de bens de outras ordens. Além do *kula*, Mauss dedicou especial atenção ao *potlatch* das tribos do noroeste norte-americano, onde se observa a destruição suntuosa de riquezas por intermédio dos chefes tribais.

Um dos pontos centrais abordados na teoria de Mauss diz respeito à tensão entre obrigatoriedade e espontaneidade no universo das trocas. Essa tensão foi também discutida por Mauss em “A Expressão Obrigatória dos Sentimentos” (1980 [1921]) observando as regras que regem o comportamento emocional em rituais funerários australianos, mas no “Ensaio...” ele destacou a pergunta que apontaria o rumo de sua análise: *“Qual a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força há na coisa dada que faz com que o destinatário a retribua?”* (1974:42)

Logo no primeiro capítulo, o autor menciona a obrigação de retribuir e faz referência ao depoimento de um informante maori extraído das notas do etnógrafo Robert Hertz. Assim, ele entende o *hau* (o “espírito da coisa dada”) como uma resposta para a circulação de dons: o que cria uma obrigação no ato de presentear é o fato de que a coisa não é inerte e mesmo após a doação, ela ainda pertence ao doador.

*“Vou falar-lhe do hau... O hau não é o vento que sopra. Nada disso. Suponha que o senhor possui um artigo determinado (taonga), e que me dê esse artigo: o senhor o dá sem um preço fixo. Não fazemos negócio com isso. Ora, eu dou esse artigo a uma terceira pessoa que, depois de algum tempo, decide dar*

*alguma coisa em pagamento (utu), presenteando-me com alguma coisa (taonga). Ora, esse taonga que ele me dá é o espírito (hau) de taonga que recebi do senhor e que dei a ele. Os taonga que recebi por esses taonga (vindos do senhor) tenho que lhe devolver. Não seria justo (tika) de minha parte guardar esses taonga para mim, quer sejam desejáveis (rawe) ou desagradáveis (kino). Devo dá-los ao senhor, pois são um hau de taonga que o senhor me havia dado. Se eu conservasse esse segundo taonga para mim, isso poderia trazer-me um mal sério, até mesmo a morte. Tal é o hau, o hau da propriedade pessoal, o hau dos taonga, o hau da floresta. Kati ena (basta sobre o assunto).” (1974:53)*

Nas economias e direitos das sociedades tidas como primitivas não se constataram simples trocas de bens e riquezas entre indivíduos, mas um contrato estabelecido entre coletividades (clãs, tribos, famílias) que negociam e, eventualmente, se enfrentam em grupos e/ou por intermédio de seus chefes. A troca se estende às coisas economicamente úteis, mas envolve também gentilezas, banquetes, ritos, mulheres, festas, etc. onde a circulação de riquezas e o mercado aparecem como termos de um “contrato mais geral e permanente”. Essas prestações e contra-prestações - “sistema de prestações totais”, na conceituação de Mauss - são realizadas de forma voluntária, por presentes, embora sejam, no fundo, obrigatórias podendo incentivar guerras privadas ou públicas.

Para Marcel Mauss a “prestação total” não envolve apenas a obrigação de retribuir os presentes recebidos, mas também o dar e receber. Haveria então uma tríplice obrigação: “dar/receber/retribuir”. Mauss afirmou ainda que a oferta é impositiva no estabelecimento da relação: “Recusar-se a dar, deixar de convidar ou recusar-se a receber equivale a declarar guerra, é recusar a aliança e a comunhão” (Mauss 1974:58).

## **1.2 A perspectiva de Lévi-Strauss**

Cabe ressaltar que o “Ensaio sobre a Dádiva”, escrito na primeira metade da década de vinte, pode ser considerado um grande marco na história das Ciências Sociais. Seu advento estimulou inúmeras discussões sobre o tema da troca e a vida social como um todo.

Por conta da teoria do *hau* (espírito da coisa dada) Mauss sofreu fortes críticas, sendo acusado de ser um pesquisador que se deixou “mistificar” por uma “teoria nativa”. Essa “acusação” tornou-se recorrente no meio acadêmico em relação ao “Ensaio...”, formulada na “Introdução à obra de Marcel Mauss” escrita por Claude Lévi-Strauss (1974 [1950]) para a coletânea de trabalhos de Mauss intitulada “Sociologia e Antropologia” - na qual está publicado o “Ensaio sobre a Dádiva”. Na “Introdução” Lévi-Strauss buscou resumir e comentar os seis ensaios que compunham o volume, na época de sua elaboração, dando ênfase ao “Ensaio...” por acentuar a perspectiva dos “fatos sociais totais” e por destacar a troca como objeto de estudo.

Para Lévi-Strauss - que escreveu a “Introdução à obra de Marcel Mauss” como um admirador e na intenção de ser uma espécie de continuador do legado de Mauss - ao invés do *hau* corresponder a uma teoria legítima, com algum tipo de validade sociológica, ela é apenas uma explicação “nativa”, conscientemente organizada. Essa visão “nativa”, limitada, teria o intuito de dar conta do impulso inconsciente da troca e sua importância na relação dos homens em sociedade. O “espírito da coisa dada” seria, para Lévi-Strauss, uma maneira de fornecer sentido aos sistemas simbólicos da troca e às “estruturas mentais inconscientes”. O autor fala da origem simbólica da sociedade: as palavras, os casamentos e os bens, tudo é troca e entende o *hau* como um “significante flutuante”, que nada mais seria do que um artifício cultural (“racional”) de determinada sociedade na elaboração de uma convincente “teoria nativa”.

A crítica de Lévi-Strauss é a de que prosseguindo pelo caminho do *hau* correríamos o risco de transformar as ciências sociais na constatação errônea de que a realidade social pode ser explicada pelas concepções que os homens elaboram e que nada mais haveria para ser desvendado.

No livro “As Estruturas Elementares do Parentesco” (1982 [1949]), Claude Lévi-Strauss abre “O Princípio da Reciprocidade” destacando a preocupação de Marcel Mauss ao analisar a lógica das trocas materiais em sociedades “primitivas”, que longe de corresponderem a meros tipos de transações, desempenham um papel fundamental na dinâmica social desses povos e aparecem na forma de dons recíprocos. Concordando com a conceituação maussiana dos “fatos sociais totais”, Lévi-Strauss cita diversos outros autores - entre eles, Boas, Firth e Hogbin - e seus dados etnográficos, a fim de ratificar a perspectiva da troca como um fenômeno “total” que abarca de uma só vez as instituições e cerimônias de todo o tipo: sociais, religiosas, mágicas, econômicas, utilitárias, sentimentais, jurídicas e morais.

Embora o autor destaque a existência do *potlatch* entre os índios do Alasca e na região de Vancouver - onde os presentes de grande estima podem impossibilitar a retribuição de contrapresentes por seu alto valor, inibindo e humilhando o receptor da oferta - ele insiste que as trocas, tão constantes entre esses povos, não trazem uma idéia de vantagem econômica ou benefício material como sugere a troca mercantil. Os envolvidos não se tornam mais ou menos ricos no fim de um período de trocas e o peso da significação do circuito de dádivas não pode ser medido através do ponto de vista do lucro, tal como observamos em grande parte dos bens na visão de mundo ocidental.

Lévi-Strauss descreve também a peculiaridade de alguns objetos trocados em determinadas culturas que recebem *status* privilegiado e ficam reunidos em uma categoria separada dos objetos de consumo e provisões. Seria o caso de flores e bombons que fazem parte da lógica dos dons recíprocos, feitos para a troca e não para o consumo individual, aos quais “ligamos grande apreço psicológico, estético ou sensual”. (1982:96). É o que Lévi-Strauss chama de “pleno domínio da reciprocidade” (1982:95).

O que é de extrema importância nessa argumentação é a percepção de que existem objetos para serem consumidos individualmente e outros que devem ser dados ou compartilhados. Os sistemas de dons e contra-dons, por mais variados que sejam - e Lévi-Strauss não poupa citações - fazem com que alguns bens sejam necessariamente dados, recebidos e retribuídos. O não cumprimento dessa regra social geraria, segundo o autor, “uma espécie de incesto social” (1982:98). Ainda assim, ele acredita que uma aproximação entre o dom recíproco e a repulsa pelo incesto só é válida nos sistemas exogâmicos, especialmente onde as organizações dualistas apresentam, nesse sentido, o caráter de troca.

Para Lévi-Strauss, os povos uma vez postos em contato teriam basicamente duas direções a tomar: trocar (festejar) ou guerrear. Nesse processo de comunicação, haveria passagens do estado de guerra para o estado de troca e daí para os intercassamentos, onde a troca de noivas seria apenas um termo do processo mais amplo da reciprocidade. Esse ponto lembra o pensamento de Mauss e de acordo com este: recusar a dar (convidar ou receber) é o mesmo que declarar guerra.

### **1.3 William Miller: O “idioma” da troca e os presentes indesejados**

Em seu livro acerca da experiência social da humilhação, William Ian Miller dedica um dos ensaios à troca<sup>2</sup>, privilegiando a capacidade que o presente possui de ser entendido como um insulto. Para isso, partindo de um viés interacionista, Miller destaca algumas situações retiradas de contextos culturais distintos (Islândia, Estados Unidos e China) para demonstrar como a oferta de presentes é permeada por regras socialmente compartilhadas e que em cada um desses lugares elas são vivenciadas como um “idioma” local.

O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, intitulada “Introdução ao Lado Negro dos Presentes”<sup>3</sup> Miller descreve uma história vivida entre dois poetas (Egil e Einar) que haviam se conhecido na Islândia, onde um deles residia e onde tornaram-se amigos, trocando informações sobre poesias e proezas vikings. Tempos depois, Einar (o visitante) voltou ao local, mas não encontrou o Egil. Esperou três dias, o que não era de praxe e antes da saída pendurou um escudo adornado a ouro e pedras preciosas - que havia recebido na Noruega como recompensa por um dos poemas que lá havia escrito - na parede da sala de Egil, informando ao empregado do poeta islandês que se tratava de um presente ao dono da casa.

Egil sentiu-se ofendido ao retornar de viagem recebendo a notícia do presente. Pegou o cavalo para supostamente alcançar e matar Einar, mas não obteve sucesso, já que este havia saído da casa há um tempo considerável. Acabou voltando e compondo um poema elogiando o presente e a generosidade do presenteador, pois para ele só havia essas duas opções: matar o sujeito da oferta ou agradecer-lhe com outro poema.

Esta situação tão extrema e dramática abre o texto de William Miller na medida em que apresenta, de forma radical, o potencial ofensivo de um presente. Para contextualizar o evento, Miller compara a troca entre Einar e Egil ao universo mais geral das sagas islandesas, que seria uma “cultura de honra e sangue” (1993:16) na qual homens honrados presenteiam e eventualmente ofendem a fim de enfatizarem uma idéia específica de honra. Segundo o autor - afirmando que a norma fundamental de todo presente é a sua retribuição - no mundo das sagas, o “idioma dos presentes” (1993:16) traz uma equivalência entre retribuição, recompensa, honra e disputa.

Em primeiro lugar, o fato de o presente ter sido demasiadamente caro pode ter sido um empecilho à possibilidade de uma futura retribuição. Em segundo, ele também foi dado fora de uma data própria (fato bastante incomum neste contexto cultural). Uma terceira hipótese levantada por

---

<sup>2</sup> William Ian Miller (1993) “*Requiting the unwanted gift*”.

<sup>3</sup> Do original “*Introduction to the Dark Side of the Gifts*”

Miller para entender o desagrado causado pelo escudo é a de que o presente foi símbolo da boa reputação de Einar e sua poesia na Noruega, podendo ter despertado uma espécie de rivalidade entre os dois poetas, mesmo que esta não tenha sido a intenção original do doador.

Desenvolvendo a idéia de que um presente pode vir a insultar, transformando o outro em devedor, William Miller defende que a capacidade de humilhar não é exclusiva da pessoa que presenteia e pode acontecer de forma inversa: como no caso de um presente devolvido, que neste sentido seria um insulto e um grande risco inerente ao ato de presentear. Da mesma forma é um presente aceito que pode vir a insultar dependendo da forma e do conteúdo de sua retribuição.

Além de Marcel Mauss que Miller destaca como sendo o grande responsável por transformar o tema da troca de presentes em “assunto sério” (1993:16) entre antropólogos, Pierre Bourdieu também é mencionado como um dos mais astutos escritores no assunto. Para Miller, Bourdieu contribuiu enormemente ao entender que a troca permite certos estilos de dominação e exploração econômica diante da pretensão de uma suposta benevolência. As pessoas envolvidas na troca de presentes desconheciam muitos aspectos ligados a ela pela existência de um espaço de tempo entre o presente ofertado e o seu retorno - grande diferencial da análise de Bourdieu.

Ainda na primeira parte do texto, dissertando sobre a força da obrigação em retribuir, Miller relaciona a troca de presentes aos convites para jantares e encontros, que podem ser recusados dependendo de circunstâncias que justifiquem a recusa: motivos de doença, casais com filhos pequenos, etc. Neste caso ele distingue jantares oferecidos em determinadas épocas do ano (utiliza o exemplo do Natal) que estariam mais a serviço do calendário do que das pessoas envolvidas e jantares em outras ocasiões que ajudariam por sua vez a iniciar um processo de maior intimidade entre os envolvidos. Esse último tipo de convite necessita de uma total reciprocidade para ser bem sucedido.

Uma importante observação de Miller - que segundo ele outros antropólogos haviam percebido - é a de que um presente retribuído não é a retribuição de um presente inicial, mas um novo presente que nasce com a própria obrigação da reciprocidade. Sendo assim, trata-se de um processo contínuo de trocas que não pode ser quebrado, recusado, ao longo de seu desenrolar, sob pena de apresentar conseqüências morais negativas.

Sobre as situações face a face William Miller diz que a “cultura” nos fornece vários tipos de regras, reguladoras da interação social. Entende algumas delas como sendo os modos (as maneiras e



os costumes) e compreende outros tipos de “normas” como um caminho pelo qual as pessoas agem “naturalmente”, sem que as apreendam enquanto regras ou as codifiquem conscientemente.

Na segunda etapa do texto, “*Bess’s Valentine*”, o autor apresenta uma nova situação, desta vez vivida por ele mesmo e sua família durante uma festividade norte-americana (*Valentine’s Day*), caracterizada pela troca de presentes entre namorados e entre crianças (que oferecem cartões) ou amigos. Nesta ocasião, Miller descreve que o filho de um casal de vizinhos - os quais o autor, sua esposa e filha conheciam apenas superficialmente - tocou a campainha de sua casa juntamente com a mãe e entregou um cartão acompanhado por uma boneca que com certeza havia custado caro. Bess (filha de William Miller) de três anos - um ano mais nova que o menino - ofereceu por sua vez um cartão feito por ela, com alguns biscoitos que havia “ajudado” sua mãe a cozinhar, causando desapontamento no menino. O autor e sua esposa experimentaram então uma sensação de embaraço.

Miller analisa o *Valentine’s Day* e descreve a estrutura da troca de cartões como sendo um jogo, no qual cada um dos jogadores desconhece a jogada do outro parceiro. O objetivo do jogo seria situar as ofertas em um mesmo patamar de valores, ocorrendo a derrota por parte dos jogadores envolvidos quando existe uma discrepância entre os interlocutores. Por outro lado, ambos vencem por conta de pequenos incrementos em suas jogadas. Vencer não seria o mesmo que dar o melhor presente, mas equilibrar sua oferta com a do outro, assim conclui Miller.

Para fechar essa segunda parte do ensaio, o autor menciona as conseqüências da vergonha em outra cultura, citando o exemplo da China. Conta que um casal se suicidou após ter dado uma pequena quantia de dinheiro - se comparada às outras ofertas - na festa de casamento de seus sobrinhos. Miller entende que ao invés de ser uma comédia, essa história é um épico, uma tragédia e que o casal chinês associava vergonha e honra.

Na terceira parte, com o título de “O Dinheiro e a Loja de Presentes”<sup>4</sup>, Miller aponta para a “promiscuidade” do dinheiro, seu caráter impessoal, circulatório e “sujo” ( no sentido literal e metafórico). Mostra que presentes em dinheiro podem ser dados de pais para filhos, tias e tios para sobrinhos ou como bônus salarial na relação patrão e empregado, que percebem isso como caridade, mas não seriam entendidos como presentes se viessem de baixo para cima na hierarquia social ou familiar.

Os presentes em dinheiro têm uma capacidade própria de insultar e de acordo com Miller, um presente desse tipo deve obedecer a circunstâncias e relações específicas: determinados graus de

---

<sup>4</sup> “*Money and the Gift Shop*”

parentesco e fases da vida do doador e do receptor, como no caso de um jovem que está buscando sua independência e recebe a ajuda de um parente mais velho. Para o autor dar um presente em dinheiro é como afirmar que determinada pessoa necessita de tudo e não de um item em particular, confirmando relações de dominação e prestígio, justamente porque ao contrário de um empréstimo, esses presentes não devem ser devolvidos da mesma forma.

Miller diz que existe um tabu em relação ao dinheiro como presente, porque ele quebra o costume do presente personalizado.

Retomando um dos pontos abordados anteriormente (o insulto provocado por um presente devolvido), Miller fala da “lista de noivado” como uma forma de dar exatamente o que os noivos querem - eliminando a possibilidade da recusa (e conseqüentemente do insulto), apesar de fazer o doador gastar muitas vezes um grande valor em dinheiro, tendo que respeitar as opções de presentes que constam na lista. O autor também destaca a capacidade que a lista de presentes tem de apontar para a ideologia ocidental, desvendando os véus da ilusão que construímos em torno de nossa moralidade, que classifica o presentear como um ato gratuito e desinteressado. Miller afirma ainda que pedir por um determinado presente, em sociedades pré-modernas, não chocaria os interlocutores, ao contrário do que pode sugerir nossa forma específica de presentear.

A quarta (e última) parte é destinada à conclusão do artigo, onde o autor apesar de considerar os “prazeres inocentes do dar e receber” (1993:47) se debruça sobre os aspectos competitivos do presentear, que ajustam *status* e dominação entre os envolvidos na troca. Para isso, utiliza um último exemplo, novamente sobre o *Valentine’s Day*, para ilustrar seu argumento.

Nesta data, as crianças norte-americanas levam cartões com dizeres e desenhos para serem trocados com outros colegas na escola. Dessa forma os alunos dizem (escrevem) o que sentem uns pelos outros, evidenciando o grau de intimidade e admiração entre eles. Sendo assim, uma certa dose de ansiedade acaba sendo a marca do evento, onde uma criança pode dar um cartão bonito e receber outro danificado, como pode até mesmo dar muitos cartões e receber poucos ou nenhum.

Miller conclui dizendo que a troca de cartões é capaz de revelar que o costume de presentear é uma forma de demonstrar preferências, assim como pode insultar. Mas destaca que a troca corresponde a um idioma e a uma prática de sociabilidade que tem seus símbolos e significados próprios. Enfim, dar um presente não é o mesmo que realizar um concurso de popularidade, porque não consiste unicamente em um registro de preferências. De acordo com nossa visão de mundo e ao contrário do caso islandês, a troca de presentes está afastada da vingança, “nós nos tornamos aptos a

construir para nós mesmos uma ideologia de presentear gratuitamente, o presente que não espera por retorno, o presente profundamente desinteressado” (1993: 50, tradução minha).

## 2. Presentes do astral

Como demonstrado em outros capítulos, os hinos do Santo Daime não são concebidos como composições musicais, mas “presentes” entregues por entidades sobrenaturais para que com elas os seguidores do culto possam estar conectados, ao percorrer o caminho rumo à salvação e a iluminação do espírito.

Desde o início da doutrina até os dias de hoje os hinos são descritos como “presentes, flores, prendas, prêmios e tesouros”.<sup>5</sup>

*Vou zelando este presente que mandastes para mim.  
Minha flor, minha esperança, minha rosa do jardim.  
(Hino 154, “Minha rosa do jardim”, Padrinho Alfredo)*

*Presentes e mais presentes eu tenho para te dar  
(Hino 148, “Meu Pai daqui estou te vendo”, Padrinho Sebastião)*

*Vou mostrar para os meus irmãos o valor deste presente  
Quem não tiver acreditando tome Daime e vamos em frente  
(Hino 109, “Um, dois e três”, Tétéo)*

*Eu agora recebi este prêmio de valor  
De São José e da Virgem Mãe  
De Jesus Cristo Redentor  
(Hino 65, “Eu vou cantar”, do Mestre Irineu)*

*Agora mesmo eu recebi deste jardim esta formosa flor  
Com todo amor, com todo amor, com todo amor, com todo amor  
(Hino 35, “Agora mesmo”, Germano Guilherme)*

*Estas flores que recebemos para nossa Salvação*

---

<sup>5</sup> Dentro dos rituais e do contexto ritualístico como um todo (*performance*, ingestão do Santo Daime, etc.) esses termos (“presentes”, “flores” e outros) podem trazer sentidos diferenciados para cada um dos participantes, que cantam, lêem e/ou apenas ouvem as poesias, não se restringindo ao hino em si. Sendo assim, é possível que uma pessoa curada de alguma doença considere o revigorar de sua saúde como um “presente” ou uma mãe que enxerga em seu filho um “prêmio” ou uma “flor”, reinterpretando as mensagens dos hinos. A própria religião e/ou a bebida também são consideradas dádivas divinas.

(Último verso do hino 117, “Dou viva a Deus nas alturas”, Mestre Irineu).

Na linha original fundada por Raimundo Irineu Serra, os hinários encontravam-se “abertos” até o falecimento do receptor e então nenhum novo cântico poderia ser incorporado no conjunto dos hinos, que por esse motivo poderia ser considerado “fechado” ou completo. No CEFLURIS o hinário também não pode ser completado após a morte do receptor - tal como na tradição deixada pelo Mestre Irineu - mas o Padrinho Sebastião, no ano de 1978, treze anos antes de seu falecimento, foi o primeiro a completar um hinário ainda em vida, fechando “O Justiceiro” no hino “Pergunto aos meus irmãos” de número 156. Logo em seguida Sebastião Mota de Melo continuou recebendo novas canções que compuseram o segundo hinário: “Nova Jerusalém”, totalizando mais vinte e seis hinos recebidos no período que vai do final dos anos setenta até o início da década de noventa. Desta vez a principal inovação veio do fato de que todos os cânticos foram “ofertados” para pessoas com quem o Padrinho mantinha alguma ligação afetiva estreita. “O Convite”, hino número um, foi endereçado para a cunhada, a Madrinha Júlia (irmã de sua esposa Rita Gregório de Melo) e “Brilho do Sol” fecha o hinário com a oferta feita ao genro Paulo Roberto, padrinho da igreja “Céu do Mar” no Rio e casado com Raimunda Nonata (a Madrinha Nonata). Os outros hinos foram doados para seguidores que porventura se encontravam doentes e/ou amigos e parentes que o acompanharam no desenvolvimento do CEFLURIS, como é o caso da oferta feita para sua esposa, a Madrinha Rita, mediante o hino “Minha Coroa”.

Embora o hinário a “Nova Jerusalém” fosse de Sebastião Mota, cada um dos receptores das ofertas começou a inserir o (ou os) hino (s) dado (s) pelo Padrinho na abertura de seus hinários pessoais, intitulados na maioria das vezes com o nome do cântico ofertado pelo líder. Os hinários “O Convite” da Madrinha Júlia e “A Mensagem” da concunhada Madrinha Cristina são bons exemplos.

Essas madrinhas e diversos outros receptores das ofertas ainda não tinham um hinário próprio antes de receberem um presente musical do Padrinho, processo este despertado logo em seguida. Os membros da comunidade sentiram-se motivados a ofertar seus próprios hinos da mesma forma como o Padrinho Sebastião já vinha fazendo, algumas vezes presenteando o próprio Padrinho. A prática da oferta de hinos generalizou-se de tal forma que desde então a maior parte dos hinos perenemente recebidos por muitos daimistas é então repassada pelos receptores a outros seguidores da religião.

O surgimento de um novo hino envolve basicamente dois momentos: a entrega do cântico que parte de um “ser divino” alcançando um “aparelho” receptor e a oferta que parte deste até um outro daimista (algumas vezes o hino pode ser ofertado por um daimista de uma só vez para outras duas

peças, como casais ou irmãos, ou até para uma família inteira). No geral, o ciclo da oferta envolve um “ser” e dois neófitos, um deles que recebe o hino para entregá-lo e outro que ganha o presente “recebido” mediúnicamente pelo primeiro. Todos passam a entoar esses hinos nas datas em que os hinários dos dois adeptos forem cantados, estando categorizados de diferentes formas: no hinário daquele que recebe espiritualmente o hino integra a seção de “hinos recebidos” e no hinário de quem recebe a oferta o mesmo cântico entra na seção dos “hinos ofertados”. Embora o hino seja cantado por todos os frequentadores das cerimônias, ele não é oferecido para uma terceira pessoa, estando restrito a um único ato de oferta após o recebimento sobrenatural.

Talvez o Padrinho Sebastião, pioneiro na oferta de hinos, tenha sido o único a ofertar seus “hinos ofertados”. Ele possuía três coletâneas de cantos: duas delas com hinos por ele recebidos, “O Justiceiro” e “Nova Jerusalém”, além do hinário composto por aproximadamente vinte e dois hinos a ele ofertados por seus seguidores. Este “hinário dos ofertados”, que viria a ser o terceiro hinário de Sebastião Mota, não é cantado nas datas onde são entoados os hinos do Padrinho, que presenteou seu sobrinho Roberval (filho da Madrinha Cristina) com esse hinário já completo. Roberval, conhecido pelos parentes e amigos como “Bal”, é um dos principais violonistas do Mapiá e acompanha o Padrinho Alfredo nas inúmeras viagens pelo Brasil e o mundo. Bal tem um hinário pessoal com pouco mais de vinte hinos e no dia de seu aniversário (assim como em algumas outras poucas datas) cantam-se, no Mapiá e eventualmente em outros centros diamistas, estes dois hinários: o do próprio Roberval e os “hinos ofertados” do Padrinho Sebastião que agora “pertencem” a este sobrinho, ambos com volume similar de cânticos.

Entendo que se trata de um autêntico ciclo de dádivas, com a circulação de hinos tendo início no plano sobrenatural mediante a entrega partindo de um “ser divino” e sua extensão entre os daimistas, que vai do receptor doando o cântico para outro membro do grupo até a prática coletiva do canto. A natureza deste ciclo de dádivas é o que desejo explorar neste capítulo, após discutir a noção de “eu” nos hinários encadernados, partindo da noção de “biografia”.

## **2.1 Hinário encadernado: a biografia de um daimista**

Segundo Pierre Bourdieu (1996), no artigo intitulado “A ilusão biográfica”, falar de uma “história” de vida é pressupor a existência de um indivíduo, concebendo-a como uma “trajetória” que transcorre em ordem cronológica de acontecimentos sucessivos e em série. O “relato” reconstruiria, com começo, meio e fim, este deslocamento linear de uma vida em sentido

unidirecional. A biografia, chamada pelo autor de “criação artificial de sentido” (1996:185) seria uma seleção de acontecimentos considerados significativos em detrimento de outros, mediante o artifício do “recorte”, já que as vivências de um “sujeito” não poderiam ser recordadas ou relatadas em sua totalidade. Peter Berger (1983) aborda a mesma questão de maneira similar:

*“Segundo o consenso geral, nossa vida é constituída por uma determinada seqüência de acontecimentos, cuja soma representa nossa biografia. Escrever uma biografia, portanto, consiste em compilar esses acontecimentos em ordem cronológica ou de importância. Entretanto, até mesmo um registro puramente cronológico suscita a questão de quais os acontecimentos devem ser incluídos, uma vez que nem tudo quanto o biografado fez pode ser registrado. Em outras palavras, até mesmo um registro puramente cronológico levanta questões referentes à importância relativa de certos acontecimentos”.* (1983:65-66).

Os hinários encadernados do Santo Daime são organizados de forma que os hinos sejam numerados e sempre cantados na ordem cronológica em que foram recebidos. Um caderno de hinário assemelha-se muito a um livro biográfico: muitas vezes traz na capa uma foto do receptor, portando a farda característica da doutrina do Santo Daime e na primeira página pode ter algum dizer, uma espécie de prefácio escrito por outro membro do grupo ao enaltecer as qualidades do receptor e/ou dos hinos, contando (em uma ou duas páginas) algumas passagens de sua história de vida e trajetória na religião. Em seguida, a seção dos hinos é quase sempre inaugurada com as ofertas doadas por padrinhos renomados ou alguma figura de liderança, que porventura tenha destinado algum cântico para o dono daquele hinário. Essas ofertas, que têm uma numeração à parte, normalmente colocada com algarismos romanos, abrem o hinário e podem estar organizadas em ordem cronológica ou de importância, dependendo do prestígio de quem as tenha feito. Os hinos recebidos pela própria pessoa entram logo em seguida, numerados na seqüência exata em que foram recebidos pelo neófito, a não ser que este entenda que a ordem deva ser ligeiramente alterada por conta de alguma deliberação dos “seres” sobrenaturais, o que é raro.

É muito comum inclusive que o receptor anote o dia e o local no qual o cântico foi recebido, podendo mandar imprimir esta informação abaixo da letra do hino, e então visualizamos no hinário encadernado o processo de desenvolvimento espiritual individual e “linear” do daimista, a partir de seu primeiro hino recebido mediúnicamente até o último, na ordem cronológica. Além das letras e das datas dos respectivos recebimentos, o nome e sobrenome da pessoa que recebe uma oferta é sempre escrito entre parênteses abaixo do título do hino correspondente e então diversas letras dos cânticos trazem cada qual um nome próprio colocado entre o título e o início da poesia . Se de

alguma forma - como também mencionado por Fróes (1983) e Abramowitz (2003) - o hinário é uma “biografia” do daimista ao longo do seu processo de recebimento de cânticos, as ofertas que recebeu e o destino dos hinos que doou, escritos entre parênteses, mostram também os demais personagens que compõem esta história de vida, interlocutores no circuito da troca de hinos.

O receptor costuma ter ainda outro caderno formado apenas com as ofertas que recebeu ao longo dos anos. Quando ele abre o hinário de seus próprios hinos com ofertas de padrinhos e madrinhas, estas não estarão presentes novamente neste segundo hinário dos cânticos que ganhou. Os “hinos ofertados” geralmente assim intitulam o segundo caderno e trazem abaixo de cada poesia o nome de quem as deu, de forma que se identifique o destinatário igualmente ao que acontece nos hinos que a pessoa oferece do seu hinário pessoal.

Vemos então que existem duas formas de se receber um hino: mediúnicamente, em um processo íntimo ou na forma de um presente doado por outro praticante da religião. O curioso é que essas ofertas são sempre publicadas nos cadernos e assim o vínculo social entre doadores e receptores no ciclo de trocas torna-se de conhecimento público. Nada precisa ser dito sobre isso, já que todos os freqüentadores das cerimônias possuem os hinários encadernados impressos, estudando-os e lendo-os mesmo durante os cultos: sabe-se sempre quem deu e quem recebeu determinada canção religiosa. Mesmo quando os adeptos anotam a letra de um novo hino em folhas de papel, costumam copiar também os nomes dos doadores e receptores das ofertas.

Dessa maneira a música no Santo Daime afirma-se ainda mais como um “discurso”, uma “publicação”, que tem início no plano sagrado e se desenvolve entre os seres humanos.

*Está em mim e desejo publicar  
Vamos conhecer a vida, é quem tem para nos dar  
Ouvindo o Mestre Ensinador desta doutrina  
Que são as palavras vivas dos hinos que nos ensinam  
 (“Eu tenho uma chave”, hino 54 do Padrinho Alfredo)*

A experiência com o Santo Daime é relatada diversas vezes como um “renascimento espiritual” e muitas pessoas descrevem “mirações” onde visualizaram e sentiram seu próprio processo de falecimento e renascimento<sup>6</sup>. Dessa forma o hinário é uma biografia que conta a história do indivíduo a partir de seu “renascimento” místico com o Daime até o final de sua vida terrestre, onde

---

<sup>6</sup> Este processo de “renascimento espiritual” é muito comum entre xamãs, sendo exaustivamente estudado (ver Dobkin de Rios, 1972).

o recorte é justamente a trajetória de uma “vida nova”, percebida auditivamente no contato com os seres divinos. Os fatos tidos como significativos seriam narrados nesta comunicação com as forças cósmicas, assim como com outros membros do grupo que dão e recebem as ofertas musicais, todos personagens desta “biografia”.

Alguns daimistas nunca receberam hinos mediúnicamente e muitos destes são receptores de oferta, como é o caso do falecido Padrinho Manuel Corrente da Silva – carinhosamente chamado de “Vô Corrente” – que acompanhou o Padrinho Sebastião desde os tempos do Mestre Irineu e tem seu hinário “Caboclo Guerreiro”, coletânea formada por quarenta e três ofertas, cantado oficialmente na data comemorativa do arcanjo São Miguel, dia vinte e nove de setembro. Neste caso a trajetória espiritual do velho Corrente é rememorada por hinos a ele endereçado, numa espécie de biografia escrita por seus interlocutores.

Como vimos no capítulo anterior o recebimento não é uma coisa “controlável” e a pessoa pode passar até mesmo anos entre o recebimento mediúnico (ou oferta) de um hino e outro, assim como pode vir a receber mais de um hino no mesmo dia. Segundo a crença nativa, é um tipo de biografia “assinada” pelos “seres divinos”, o que foge à vontade dos receptores.

*Salomão disse para mim: nesta eu vou me assinar  
Que esta é a Verdade pura, no mundo não tem igual.  
(Hino 50, “Salomão”, Mestre Irineu)*

Pelo menos três padrinhos possuem mais de um hinário por eles recebidos – sem contar com as ofertas: Padrinho Sebastião com “O Justiceiro” e “Nova Jerusalém”, Padrinho Alfredo com “O Cruzeirozinho” e “Nova Era” e mais recentemente Padrinho Paulo Roberto com “Luz na Escuridão” e “Nova Aliança”. Segundo Alfredo e Paulo Roberto a abertura de um segundo hinário trata-se de um novo momento em suas vidas, como num segundo volume de uma biografia.

*“[Como é essa questão de fechar um hinário e abrir outro?] Isso aí eu nem sei como é que é não, eu nem sabia quando chegou no final do hino que eu cantei a última estrofe “ofereço a irmandade, o que de Deus eu recebi. Durante vinte dois anos neste hinário que se encerra aqui”, só aí eu percebi que tinha terminado e o nome do hino foi recebido e é justamente “encerramento” [E a peculiaridade dos novos hinários serem intitulados “Nova” (e alguma coisa): Nova Jerusalém, Nova Era e Nova Aliança?] É, Nova Aliança, isso corresponde a uma nova etapa da vida da gente [De quem? Do receptor dos hinos?] É, eu acho, é bem nítido isso para mim. Quando terminou meu hinário concluiu um ciclo de vinte e dois anos na minha vida, uma coisa espiritual se fechou ali naquele ponto para então recomeçar.” [Padrinho Paulo Roberto]*



O trabalho de hinário atravessa as várias fases de vida do receptor, varando a madrugada. É como se a batalha íntima de doutrinação dos “seres sem luz” estivesse representada no livrinho e na natureza. O tempo, coletivamente ressignificado nas cerimônias via música, encontra aqui uma outra especificidade: o ritual não é mais o tempo de apenas uma noite, mas corresponde à visualização de uma vida inteira atravessada com cantos e danças na jornada pela escuridão até o nascer do Sol - a “vitória da luz”, como dizem alguns hinos - da primeira até a última página dos cadernos. Completa-se o ciclo noturno, os dizeres das páginas e aí então a luz do Sol encontra um novo sentido: é o desenlace vitorioso da salvação do neófito.

*É lindo o entardecer. O amanhecer ele é mais bonito  
Porque a esperança é maior e tudo já nos foi dito  
(Hino 08, “Narração”, Padrinho Alfredo)*

Padrinho Alfredo coloca:

*“Quando fecha um hinário para abrir outro, é porque também tem um limite para hinário. Quando atinge a noite toda já é hora de ter um fechamento e também porque marca fases. Mesmo em um só hinário tem várias fases de evolução do trabalho espiritual e da pessoa que está recebendo aqueles hinos.”*

As ofertas, ainda que partam de “seres espirituais”, são realizadas entre indivíduos encarnados. Assim que uma pessoa falece, ela não pode mais receber uma oferta e seus hinários - o pessoal e o de hinos ofertados - são interrompidos naquele momento e considerados completos. Embora um ente desencarnado não possa mais receber hinos como presentes, ele pode se juntar aos “seres” na posição de doador original e lá do “astral” entrega os hinos para que os seres humanos ofereçam entre si. Então, somente os nomes dos encarnados (doadores e receptores de ofertas) serão publicados nos hinários encadernados.

Muitos hinários são concluídos quando o receptor encontra-se perto de morrer e aí o hino derradeiro traz muitas vezes a indicação do inevitável falecimento. Lêem-se nesses cadernos a oficialização de um relato, momentos sucessivamente ocupados pelo biografado cujo ápice está na última página da série: a morte material e o ingresso no mundo dos espíritos. Os hinários de Mestre Irineu e Maria Damião trazem bons exemplos:

*Pisei na terra fria, nela eu senti calor  
Ela é quem me dá o pão, a minha Mãe que nos criou*

*A minha mãe que nos criou e me dá todos ensinios  
A matéria eu entrego a Ela e o meu espírito ao divino  
Do sangue das minhas veias eu fiz minha assinatura  
O meu espírito eu entrego a Deus e o meu corpo à sepultura  
Meu corpo na sepultura, desprezado no relento  
Alguém fala em meu nome, alguma vez em pensamento  
("Pisei na terra fria", Mestre Irineu)*

*A tua casinha está pronta, caminhos abertos  
Jardim de flores a ti, te oferecem  
Jesus Cristo Salvador e a Rainha da Floresta  
Se Vós ver que eu mereço, receba oh! Mãe honesta  
Nas minhas ouças escutei um grande festejo  
Os meus irmãos chegando e meu corpo se liquidando  
Corrigi o meu pensamento, pedi perdão a meu Pai  
Para eu poder seguir a minha feliz viagem  
O Mestre que nos ensina, Vós é a minha guia  
Vós me entrega ao Divino e à Sempre Virgem Maria  
(Hino 49, "Despedida", Maria Damião)*

### **2.1.2 Cadê "Eu"? Onde está?**

Como disseram Bourdieu (1996) e Berger (1983) a biografia presume a existência de uma história individual, mediante relatos baseados na idéia de uma coerência na sucessão dos fatos. Antes desses autores, Marcel Mauss (1974) foi o primeiro a investigar as noções de "eu" e de "pessoa", enquanto categorias socialmente construídas, em uma perspectiva sociológica e histórica que reconstruía o caminho de diferentes povos na elaboração destes conceitos. O autor traça uma espécie de linha evolutiva partindo dos índios mexicanos, dos povos do noroeste americano, da Austrália, da Índia bramânica e búdica, da China antiga e a *persona* latina e seus desdobramentos na noção de "pessoa" como fato moral, a pessoa cristã e o ápice desta seqüência que estaria no sujeito ocidental moderno dotado de consciência psicológica. Essa perspectiva, embora pioneira em uma discussão mais consistente das noções de "eu", foi também bastante criticada por seu tom "evolucionista".

Louis Dumont (2000) trabalhou com o conceito de "indivíduo", distinguindo dois significados distintos:

*"1) o sujeito empírico da palavra, do pensamento, da vontade, mostra representativa da espécie humana, tal como é encontrado em todas as sociedades e 2) o ser moral, independente, autônomo (...) tal como se encontra, antes de tudo, na nossa ideologia moderna do homem e da sociedade."*  
(2000: 20)

No caso das sociedades ocidentais o “indivíduo” seria o valor básico significativo, pensado como sujeito moral e autônomo. Segundo o autor, “individualismo” é a ideologia que tem no igualitarismo seu valor cardeal, enquanto as sociedades “holistas” - como a de castas - construiriam um tipo de sociabilidade com o indivíduo biológico subordinado e englobado à hierarquia, sendo este o valor supremo. Dumont chama de “holistas” as sociedades que valorizam a ordem e a conformidade de um elemento e seu papel no conjunto, à sociedade e afirma que este modelo predominou na maior parte das civilizações que a humanidade conheceu. Ainda segundo o autor, embora existam diversidades internas, Índia, China e Japão seriam sociedades “holistas” se comparadas à nossa, que acredita no indivíduo como um ser “livre” e “igual” aos demais. No primeiro tipo as necessidades do homem são subordinadas à sociedade, já no “individualismo” é a sociedade que se subordinaria ao indivíduo. Todavia, o autor também propõe que estas são definições gerais de “representações coletivas” e deduz que “igualdade” e “hierarquia” estão sempre combinadas em todo sistema social, não havendo, portanto, tipos “puros” de “holismo” ou “individualismo”.

Partindo desse pressuposto concluímos que grupos sociais distintos recriam essas ideologias de diferentes formas e então tomo esses conceitos como ponto estratégico para pensarmos a estrutura e a organização social daimista. De que forma o grupo de seguidores do Santo Daime vive e pensa - e canta - as noções de indivíduo?

Vimos, no quarto capítulo, a forma como os pensamentos e as emoções de um dado neófito são por ele interpretados como sendo o resultado da influência de entidades desencarnadas, que podem ser distinguidas pela natureza dos sentimentos e pensamentos que despertam nos daimistas - “aparelhos” dessas forças - manifestando nas atitudes o reflexo de tais influências. Embora um seguidor da religião se identifique enquanto uma “pessoa” que tem individualidade própria e uma privacidade, ele também entende sua mente e corpo físico como o receptáculo de “energias” de seres de outro mundo, alheias à sua própria “pessoa” - que, por sua vez, só existe por sua relação (espiritual) com os mais variados “seres”. O daimista, acreditando estar ligado a essas forças cósmicas dentro e fora das cerimônias, tem então a imprescindibilidade de estar sempre praticando os preceitos contidos nos hinos, cantando-os diariamente e visando manter uma conexão com os “seres do alto” (e “de luz”). Além disso a própria expressão “Eu Superior”, representa a presença de Deus revelada nas camadas mais “profundas” e “emotivas” - (neste caso falo do amor e da alegria) - de cada indivíduo, por intermédio da busca de auto-aperfeiçoamento que inclui a *performance* ritual-

musical adequada. A capacidade de identificação com o conteúdo do hino é construída com o cantor (grosso modo, todo aquele que comparece ao culto), pronunciando-se como o sujeito da frase (eu), o que remete a uma idéia de experiência particular e subjetiva. Os sentimentos, inúmeras vezes valorizados nas poesias, e a técnica do “domínio” do pensamento adicionam-se a esta idéia de interioridade socialmente compartilhada<sup>7</sup>.

Como mais de noventa por cento de todos os hinos existentes são narrados na primeira pessoa do singular, poderíamos supor que o hinário trata de uma “autobiografia” do receptor, o que em parte é válido. Por outro lado, como já constatamos nos capítulos precedentes, de acordo com a lógica daimista os hinos não são obras de um indivíduo em particular, mas sim o resultado do contato espiritual entre o fiel e determinado “ser divino”. Sendo assim o “eu” narrador pode ser uma espécie de declaração da identidade do “ser” que entrega o hino, assim como a “voz divina” e “verdadeira” do próprio receptor, contando passagens de sua vida e as experiências com o Daime.

*“Como eu te disse antes, a composição é uma obra da pessoa e o hino é uma obra de Deus [Mesmo que conte a sua história pessoal?] Claro, porque mesmo que o hino fale ‘eu’, não sou eu que estou falando. Ah, eu agora vou cantar um hino contando meu encontro com o Padrinho Sebastião: ‘eu um dia estava e encontrei com o Padrinho Sebastião’, espera aí, espera aí, ‘encontrei’ não, tem palavra melhor aqui, ‘eu presenciei o Padrinho Sebastião’, isso seria uma composição. Agora, passa uma coisa pela minha cabeça sem eu ter pensado nisso, sem eu ter querido fazer isso, sem eu estar achando que tinha que ser assim e aí começa ‘Minha vida (...) Levantou minha cabeça era o Padrinho Sebastião’, eu nunca ia colocar isso nesse nível, nesses termos. É uma coisa que veio lá de cima revelando um encontro meu com o Padrinho Sebastião, mas não sou eu que estou fazendo essa revelação”.*[Padrinho Paulo Roberto]

O doador divino pode apresentar-se basicamente de duas formas nas letras dos hinos: mediante o uso da primeira pessoa do singular, quando a própria entidade sobrenatural parece falar ou quando sua identidade é citada pelo “eu” que parece ser o do receptor, descrevendo quem lhe entregou o cântico.

*Me deram este canto para nós aqui cantar  
Este cântico eu recebi da Condessa Cires Beija-Mar  
(Hino 26, “Me deram este canto”, Germano Guilherme)*

---

<sup>7</sup> Percebo que daimistas cariocas vivem diferentes noções de “pessoa” nos espaços por onde circulam: trabalho, família, Santo Daime, etc. Atores e “celebridades” que algumas vezes fazem parte da doutrina são também “liderados” pelos “seringueiros analfabetos”, havendo então uma relativização interessante quanto à noção de prestígio. Registro essa observação a título de hipótese, pois não caberia explorá-la aqui com maior consistência.

*Quem me deu esta valsa de bom coração  
Senhora Virgem Mãe, tenha compaixão  
(Hino 5, “Tenho prazer”, João Pereira)*

*Em frente este Cruzeiro, dentro desta miração  
Eu recebo este hino de Juramidam  
(Hino 01, “Brilho”, Nilton Caparelli)*

Algumas vezes os hinos são narrados como um diálogo onde cada estrofe, ou algumas delas, falam na posição da entidade e outras a partir do ponto de vista do receptor. Assim é o hino “Meu sucessor”, narrado na voz do Mestre Irineu e concluído com uma “resposta” da receptora.

*Minha doutrina eu deixei aí  
Graças a Deus estou vendo progredir  
(...)  
Obrigada meu Mestre Irineu  
Por essa mensagem que o senhor me deu  
Para mim e toda minha família  
O que temos de bom é sua doutrina  
(Última estrofe do quinto hino, “Meu sucessor”, da Madrinha Nonata)*

Em grande parte é muito difícil definir com clareza em que posição o sujeito das frases está narrando determinado hino, até mesmo porque os neófitos acreditam que o cântico pode se revelar de diferentes formas cada vez em que é cantado por uma mesma pessoa e também em uma única execução, com cada participante do culto “recebendo” um esclarecimento pessoal. Para Cemin (2001) os cânticos do Santo Daime trariam significados ocultos, fazendo sentido muitas vezes apenas para quem os recebeu ou dentro do contexto ritualístico, quando muitas das informações contidas em seus códigos (“secretos”) poderiam então vir à tona. Ao refletir sobre os significados dos hinos Labate (2004:244) inspirou-se em Turner (1974) que analisa os símbolos como *polissêmicos*, *multivocais* e portanto suscetíveis a muitas interpretações.

Esse fato faz com que cada hino encontre uma forma de renovar-se continuamente, apresentando sempre alguma novidade para aquele que ingere o Santo Daime e canta com afinco, motivando-se assim para estar sempre aprendendo coisas novas ao entoar os hinos antigos e tradicionais durante anos.

*“O hino que o Mestre Irineu cantou você canta hoje em dia, cinquenta anos depois, sei lá quantos, aquilo ali, dependendo do lugar que você esteja e do que você esteja vivendo parece que é você. O hino parece que está vindo para você, o ‘eu’ ali é você que está cantando. Até porque,*

*como é que se diz, dá certo direitinho com o que você está passando naquele momento. O hino ele tem qualidades mágicas, entende? Ele tem toda uma magia, justamente por ele ser recebido e não ser composto, não ser produto de uma atividade racional, ele tem uma coisa mágica e uma das coisas mágicas que eu acho no hino é a sincronia. Não sei se você já passou por isso: você está em uma miração e nessa miração você está entrando numa questão da sua vida, uma coisa íntima sua que o Daime está te mostrando e você está sentindo, não é, aí vem o verso que está cantando naquele momento fala exatamente o que é, responde exatamente a sua necessidade de saber alguma coisa maior sobre você. Então o porque desta sincronia ela é impressionante, ela é inexplicável. Como é que bate direitinho o hino e a sua dinâmica interna naquele momento e a sua demanda naquele momento? E o hino vem justamente dar a chave que você estava precisando. E por que era aquele? Por que não era um hino anterior ou não foi o próximo? Entendeu? A sincronia é uma coisa quase que inexplicável”. [Padrinho Paulo Roberto]*

Como os hinos são cantados em uníssono, ou seja, com todos acompanhando a melodia principal em um mesmo registro vocal, ainda que cada freqüentador do culto tenha suas “mirações” íntimas, o “eu” pode ser sentido como próprio de todos aqueles que cantam as músicas: uma modalidade de “eu coletivo” fortalecendo a idéia de “unidade da corrente”.

Estamos diante de um contexto cultural que constrói socialmente as noções de indivíduo embasadas em dimensões intra-subjetivas e intersubjetivas onde o “eu” possuiria suas camadas no âmago de cada adepto, com os sentimentos do amor e alegria sendo a manifestação da “essência” de cada um, mas também um “eu” compartilhado através da *performance* musical uniforme, onde todos se sentem parte do “Todo” que se apresenta na voz do “Eu”.

Labate que estudou o consumo urbano da *ayahuasca*, menciona os hinos e o deslocamento do sujeito da frase entre o grupo de “neo-ayahuasqueiros” - membros dissidentes do CEFLURIS:

*“O hino é composto de forma a suscitar uma ambigüidade em relação ao sujeito da frase: de um lado, pode ser o autor do hino; de outro, aquele que o canta (o ouvinte); finalmente numa perspectiva mais ampla, tem-se a impressão de que o sujeito é a própria divindade – esta falaria através dos hinos. Este deslocamento de sujeito – um recurso simples, porém sutil – aliado ao contexto sugestivo onde ocorre (...) enfim, o contexto ritualístico como um todo – provoca uma identidade entre aquele que escuta / canta e o próprio divino. Tal identificação é compreendida como natural, absoluta; antes do que formulada racional ou teoricamente, é experienciada sensorialmente, conferindo maior força a seu mecanismo (...) Sob as ondas do daime, contudo, o próprio cantador torna-se um agente ativo, vê-se identificado com essa força cósmica; uma sensação de totalidade, de plenitude, de união e pertencimento a uma realidade superior. Dito de outra forma, é como se a Divindade houvesse encontrado uma voz através da qual expressar-se”. (Labate, 2004:234-235)*

Luiz Eduardo Soares também havia abordado da diluição da idéia de “eu” na religião do Santo Daime:

*“A sagrada unidade holística encontra correspondência na prática cerimonial, em que o canto em uníssono do hinário e a dança uniforme coletiva (que somente opõe masculino a feminino e proto-sacerdotes ou líderes propiciadores ao conjunto dos fiéis), no espaço circunscrito ritualmente, contrapõe-se à multiplicidade fragmentária, solitária, individualizante e rigorosamente intra-subjetiva das meditações e miragens. O contraste sugere que o uníssono prepara o unívoco, o coro antecipa a comunhão e o movimento uniforme e comum convoca à participação, responsável pela passagem da polifonia dos sentidos, isto é, passagem da plurivocidade ou polissemia à unidade harmônica, totalizante – condição da crença da qual, paradoxalmente, resulta. A fragmentação atomiza e dissolve o sujeito – polifonia corresponde, portanto, não só a diferenças interindividuais, como também intraindividuais – apenas para reconstituí-lo sob o signo da integração harmônica, da mais íntima e profunda unidade, da superposição plena entre individualidades e subjetividades, fundidas na essência comum, substrato sagrado do cosmos, o ‘amor divino’” (Soares, 1990:269)*

No universo do Santo Daime, o canto coletivo dos hinos narrados na primeira pessoa do singular acaba rompendo - simbolicamente - todas as fronteiras tão bem definidas e valorizadas dentro do ritual: seja os limites entre as dimensões do “astral” e a Terra, como também entre os gêneros e as fases da vida. Durante as cerimônias, os homens e mulheres não devem nem mesmo pisar no espaço pré-estabelecido para o bailado do gênero oposto, assim como rapazes e moças podem transitar momentaneamente na metade relativa ao seu próprio gênero mas não têm permissão para bailar no subgrupo com os mais velhos de mesmo sexo e vice-versa. Apenas com a música, a unicidade destas dimensões é possível, permitindo uma flexibilidade das fronteiras tão nítidas no plano da *performance*.

Como vimos, de acordo com o *ethos* do Santo Daime, é através dos hinos que os “seres divinos” encontraram uma forma especial de presentear os daimistas, aproximando-se destes, que cantando podem também “subir ao astral”. Além disso, todos cantam com o mesmo vigor, independente de o sujeito da frase ser um personagem masculino ou feminino. Alguns hinos recebidos por mulheres falam como se fossem homens e vice-versa ou de adultos como crianças e também o oposto.

*O meu nome é Maria  
Estou na Terra a abençoar  
(Hino 26, “Maria da Conceição”, recebido por Paulo Roberto)*

*Eu sou pequenininho, mas trago os meus ensinios  
Eu canto bem baixinho em roda dos meninos  
(Hino 10, “Roda dos meninos”, Maria Damião)*

A apresentação de um “ser”, dizendo frases do tipo “eu sou Jesus Cristo” ou “eu sou a Virgem Maria” é comum nesses hinos que narram o gênero distinto ao do receptor, quando o “gênero” oposto é próprio do doador espiritual. Este enunciado “invertido” também pode ter uma conexão com o destino da oferta e quando uma mulher oferece um hino para um homem ou vice-versa, ou de algum deles para uma criança, o “eu” pode falar na posição daquele que cantará o hino quando recebê-lo posteriormente na forma de uma oferta e esta tende a ser colocada no hinário daquele (a) que a recebe. Este fato complexifica ainda mais uma definição clara da natureza do “eu” narrador.

O hino “Ai-iá-iá Iemanjá” recebido pelo Padrinho Paulo Roberto foi ofertado para uma mulher e apresenta o diálogo travado entre a receptora do presente e a entidade doadora, sem que o receptor do hino – mediador na entrega da mensagem cantada - entrasse na “conversa”. Cito alguns trechos deste hino, número 68 do hinário “Luz na escuridão”.

*Rainha do Céu, Rainha do Mar  
Mãezinha das ondas, ai-iá-iá Iemanjá  
Eu sempre fui, eu sempre segui  
Mãezinha do Céu agora estou aqui*

*Tu és minha filha, minha protegida  
Teu tempo é agora, acorda é a vida  
(...)  
Oh! Minha Mãe estou aqui em Seu jardim  
Peço a Vós e ao Vosso Filho é para que rogai por mim  
Quero viver mas eu sou pequenininha  
Irei junto a Vós crescer, Vós que sois minha Rainha*

Anthony Seeger (1980) fala das canções *akias* Suyá como um tipo de comunicação especial que mantém um homem adulto ligado às suas irmãs, o que seria terminantemente proibido em termos de um contato direto ou corporal. Já as seis seções do bailado hexagonal do Santo Daime (duas delas destinadas para homens adultos, duas para mulheres, uma para meninas e moças e outra para meninos e rapazes) são desconstruídas por intermédio da música. Mais do que uma comunicação - presente na oferta de um hino feita de um homem para uma mulher, etc. - ocorre a fusão entre os diferentes segmentos do salão, por intermédio do trânsito entre os “eus” dos homens, mulheres, crianças e dos “deuses” e “deusas do astral”, mediados pelo canto em uníssono na cerimônia. Quando um cântico descreve a experiência de uma mulher, os homens cantam sem constrangimento ainda que permaneçam bailando normalmente em seus lugares circunscritos e é como se determinado segmento do salão fosse então enaltecido por todos. Simbolicamente, as distinções



perdem a sua concretude e assim se faz em todos os hinos apontando o “eu”, pouco a pouco, para todas as direções do salão e possibilitando novas construções de identidade no decorrer dos trabalhos de hinário. Daí a importância do canto ser executado em coro, com todos na mesma altura da melodia central, da forma que se construa uma identidade de grupo por meio da música.

De acordo com Seeger os Suyá permitem uma única exceção para a entrada do homem na casa de sua mãe e irmãs: quando ele canta o *ngere*, misturado a um grupo cerimonial e não é ouvido como indivíduo isolado. No contexto do Santo Daime, por sua vez, homens e mulheres nunca bailarão fora do espaço próprio para seu gênero, mas quando cantam um hino que representa a experiência do outro subgrupo daimista é como se fossem até lá, colocando-se no lugar do outro, sendo parte de seu universo e mais do que isso, é como se um segmento do salão se espalhasse simbolicamente por todo o hexágono, reinventando os limites da coletividade e da subjetividade.

Pode-se pensar a prática do recebimento mediúnico dos hinos como favorecendo a “personificação” das forças sobrenaturais: elementos da natureza (sol, lua, estrela, vento, mar, etc.), possuem idiosincrasias e se comunicam com os seres humanos, ensinando-lhes as músicas religiosas. É curioso também que a doutrina do Santo Daime valorize os hinários individuais, onde cada um é visto como indivíduo - muitas vezes chamado de “dono” do hinário (o único que pode receber alterações ou correções nos hinos) - enaltecendo também a publicação das ofertas individuais nos cadernos, onde a relação entre duas pessoas é explicitada de maneira bem definida. Essas pessoas são reverenciadas como “indivíduos” e alguns veteranos da linha de frente do bailado proclamam “vivas” ao “dono do hinário” (ou do hino) pronunciando algumas vezes nessas saudações - tradicionalmente utilizadas para louvar os seres divinos e as forças da natureza - os nomes próprios do doador e/ou receptor da oferta.

A estrutura das cerimônias não flexibiliza a localização das “pessoas” distribuídas em grupos no interior dos salões das igrejas ou na hierarquia quanto à proximidade espacial com o “centro musical”, mas por outro lado, a doutrina produz uma dinâmica inversa quando o próprio desempenho e execução do canto desses hinos relativiza toda a rigidez espacial da estrutura ritual e acaba por dissolver o “eu”: tanto os seres quanto os daimistas – todos “indivíduos” – multiplicam-se e entrecruzam-se no canto em uníssono durante as cerimônias com o Santo Daime.

Acredito estarmos diante de um projeto religioso que visa o auto-aperfeiçoamento dos frequentadores na busca pela melhora de cada um enquanto “pessoa”, com todos sabendo seus lugares específicos no salão: classificação por gênero, fase da vida, posição na fileira e proximidade

com a mesa. Ao mesmo tempo este empreendimento místico reconstrói a noção de “eu” ao fazer uso desta palavra cantada em conjunto, aproximando os indivíduos das divindades e também os fazendo sentir partes uns dos outros, como em um livre trânsito simbólico pelo salão e pelo “astral”. O uso do “eu” nas letras dos hinos, o canto e o bailado sempre uniforme, permitem que se caminhe na corda bamba entre a “unidade” e o “todo”, engendrando um tipo especial de equilíbrio nessas fronteiras. Talvez estejamos diante de um tipo de sociabilidade situada na interface entre os modelos “individualista” e “holista” ou de uma mostra representativa da natureza de “tipo ideal” destes conceitos.

Raimundo Irineu Serra recebeu muitos hinos que o descrevem como “professor”, “Chefe” e “Mestre” da missão do Santo Daime e desde então todos cantam continuamente essas mensagens musicais entoadas na primeira pessoa do singular.

*Aqui estou dizendo, aqui estou cantando.*

*Eu digo pata todos e os hinos estão ensinando*

*(...)*

*A Virgem Mãe é Soberana, foi Ela quem me ensinou*

*Ela me mandou pra cá para ser um professor*

*(Hino 125, “Aqui estou dizendo”, Mestre Irineu)*

Outros tantos seguidores de Irineu também receberam canções falando frases do tipo “Eu sou o Chefe da missão”, mesmo entre os contemporâneos do fundador da religião - que cultuavam o Mestre e seguiam seus ensinamentos com afínco - fiéis à autoridade provinda de Irineu e sua mais alta patente na liderança do grupo. Hinos desse tipo também foram e continuam sendo recebidos por mulheres, como Maria Damião - que nos hinos “Meu Divino, meu Pai Eterno” e “Meu Pai Eterno” diz ser “O Chefe” (no masculino). Além dos freqüentadores cantarem os hinos de Raimundo Irineu Serra, onde o “Chefe” é o sujeito da frase e todos pronunciam com suas próprias bocas, outros recebem hinos com esta temática e da mesma forma entoados em uníssonos, quebrando momentaneamente não só os papéis de gênero como também a hierarquia.

*Aqui o Chefe sou eu e todos têm que obedecer*

*(Maria Damião, hino 15 “Meu Divino, meu Pai Eterno”)*

*Todos têm que seguir é com amor no coração*

*Que eu sou o chefe da sessão, sou quem respondo pelos meus irmãos*

*(Hino 30, “Divino Pai Eterno”, também de Maria Damião)*

*Essa riqueza é minha, foi meu Pai foi quem me deu*

*Junto a esta irmandade aqui o Chefe sou eu*  
(Segundo hino de Antônio Gomes, “Preleção”)

Em uma operação delicada, o daimista vive a fragmentação do “eu” dentro do culto e isso ajuda a compor o cenário mágico na construção social de uma realidade sobrenatural, mas com o fim dos trabalhos cada pessoa não deve mais se confundir com a identidade de “seres” específicos ou com a de outros participantes, ainda que tudo o que se sinta e pense seja interpretado como interferências de potências sagradas em esferas íntimas. O sujeito dos hinos não pode estar aprisionado em um indivíduo particular, sua característica principal é a de estar em tudo, cabendo nas individualidades, sem restringir-se a nenhuma delas<sup>8</sup>.

A voz do “chefe” também aparece em alguns hinos como uma maneira de legitimar algum preceito da religião ou o prestígio do receptor. O hino “Meu sucessor”, recebido pela Madrinha Nonata é narrado pelo ponto de vista do doador espiritual, o Mestre Irineu, que afirma a posição de destaque do Padrinho Sebastião enquanto legítimo sucessor de sua missão. É interessante o fato de que esta afirmativa tão valiosa só poderia ser feita pelo fundador da religião que a faz por intermédio do hino, já passados mais de trinta anos de seu falecimento. Não é a Nonata que afirma tal enunciado, mas o próprio “chefe” que faz uso do hino para falar através desta madrinha. O prestígio da receptora, sua posição na árvore genealógica – filha do Padrinho Sebastião - e a legitimidade de seu hinário entre os adeptos fazem com que o hino receba um *status* especial, fortalecendo a crença de que Jesus Cristo e João Batista reencarnaram nas pessoas de Raimundo Irineu Serra e Sebastião Mota de Melo, conforme afirmado em algumas das estrofes.

*Nossa história não começou aqui não, nós nos conhecemos no rio de Jordão*  
*Jesus Cristo e São João, Mestre Irineu e o Padrinho Sebastião*

---

<sup>8</sup> De acordo com os livros de Alex Polari de Alverga (1984, 1992) Padrinho Alfredo assumiu a administração da Colônia Cinco Mil, quando Sebastião Mota foi para o Rio do Ouro no início dos anos oitenta. Nesta época certas pessoas chegaram a duvidar da liderança de Alfredo, havendo mesmo alguns poucos casos considerados “surto” (pelos líderes e maioria dos adeptos) com pessoas que se autoproclamando “Jesus Cristo” ou “Juramidam”. Dentro de algumas possibilidades interpretativas acredito que a atitude dessas pessoas considerada “errônea” tenha sido o de tomar para si o “eu” narrador que tem por natureza transitar nos rituais. Por outro lado, isso também pode demonstrar um tipo específico de disputa nesse campo.

A identificação espiritual entre estes personagens “míticos” corrobora com o discurso oficial da linha do Padrinho Sebastião - engendrando a idéia de uma relação harmoniosa entre Mestre e Padrinho - sendo uma autoridade reivindicada por esta vertente em meio às demais também autodesignadas como Santo Daime.

O “eu” que conta (canta) a mensagem musicada não é o “eu” material da pessoa que recebe, mas vemos que pelo prestígio da Madrinha Nonata o hino encontra uma forma de consolidar-se com maior facilidade. Outro daimista poderia receber um cântico similar, mas da forma como este se manifestou ajuda a criar um discurso oficial inquestionável na argumentação dos crentes sobre os “reais” motivos espirituais que levaram a passagem da liderança do Mestre para o Padrinho. Este hino, intitulado “Meu sucessor”, foi ofertado por Nonata a seu filho Jordão, que inclusive tem o mesmo nome do rio, tão presente no imaginário cristão, citado no verso que fala da “história, no rio de Jordão”. O menino Jordão seria um sucessor em potencial da Madrinha Nonata e conseqüentemente do Padrinho Sebastião - daí mais uma razão para o título do hino, “Meu sucessor”. Estamos falando, portanto, de “pessoas” bem definidas, encarnadas ou não: Mestre Irineu, Padrinho Sebastião, Madrinha Nonata e Jordão, ligadas ao hino pelas etapas da entrega, recebimento e oferta.

Para o antropólogo Edmund Leach (1954) o culto aos antepassados é uma forma de assegurar a sucessão política. No exemplo do hino acima citado Mestre Irineu utiliza-se da música para comunicar-se com o mundo dos vivos, aprova o destino da doutrina junto a Sebastião Mota e sua família, estimulando sua continuidade e já “prevendo” um dos possíveis futuros desenvolvimentos pelas mãos do neto de Sebastião, ainda menino.

A idéia de uma sucessão também está presente em outras canções. Certamente a foto de Raimundo Irineu Serra mais reproduzida nas igrejas e lares de daimistas é aquela na qual aparece de chapéu, apoiado a um grande cajado de madeira, já o Padrinho Sebastião também tem uma foto bastante divulgada na qual segura um quadro com esta foto do Mestre. Ainda que os hinários sejam editados em diferentes versões, mudando basicamente as fotos da capa já que a ordem dos hinos permanece a mesma, tive acesso a diversos cadernos de “O Cruzeirinho”, hinário do Padrinho Alfredo, publicados com uma mesma capa: Alfredo Gregório segura um quadro com a foto na qual o Padrinho Sebastião faz o mesmo com a imagem do Mestre. A idéia de uma sucessão, Mestre Irineu - Padrinho Sebastião - Padrinho Alfredo, é explicitada mesmo antes da abertura do caderno, na capa

e no título “O Cruzeiroinho” - variação de “Cruzeiro”, nome do hinário do Mestre Irineu - e alguns hinos falam diretamente sobre esta relação:

*Estou aqui, eu vivo aqui, que o meu pai me mandou  
Estou representando ele e o nosso Mestre Ensinador  
(Hino 25, “Espada do perdão”, Padrinho Alfredo)*

Todavia este “eu” não é exclusivo do Padrinho Alfredo e permite múltiplas interpretações quando inserido no contexto religioso, musical e psicotrópico. Todos são “chefes” em potencial no contexto ritual, “aparelhos” do “chefe”, vivenciando esta posição sensorialmente e subjetivamente, sem que saiam de seus lugares. Cantando em conjunto o “Eu” do “Chefe” se manifesta e cada um pode sentir-se parte do “Todo” da mesma forma que o “Todo” faz-se sentir em cada um, individualmente. Talvez aqui estejamos próximo do que Soares (1990:269) chamou de “sagrada unidade holística, harmônica e totalizante” da *práxis* daimista.

O hino “Cadê eu” ilustra de forma particularmente feliz o modo como os hinos trabalham neste sentido:

*Cadê eu, cadê eu? Cadê eu, aonde está?  
Harmonizado estou em tudo  
Piso firme e vamos trabalhar  
Estou eu, estou eu sempre em todo lugar  
Do Sol nos vem esta luz para sempre nos iluminar  
Gira tudo no espaço desta grande imensidão  
Gira muitos na distância do espaço do seu coração (...)  
(Hino 139 do hinário “OCruzeirinho” de Padrinho Alfredo)*

A letra do cântico começa indagando sobre onde estaria localizado o “eu” e a resposta vem logo na linha seguinte dizendo que está “em tudo” e “em todo lugar”, submetido ao imperativo do ato de “harmonizar-se”, o que admite uma idéia de comunhão com o grupo. A questão título é formulada de forma que o narrador pareça distanciado, preocupado em “onde está” – e não “onde estou” – um “eu” aparentemente externo, que mais parece um “tu (você)” ou “ele”. A partir da segunda linha o narrador muda seu ponto de vista e passa ele mesmo a apresentar-se como “eu”, sujeito da frase, que responde na primeira pessoa do singular e assim prossegue dizendo “estou em tudo”, “piso firme” e “estou eu, estou eu”. Em alguns momentos da poesia percebemos a presença da primeira pessoa do plural com (nós) “vamos caminhar”, “do Sol *nos* vem esta luz, para sempre *nos* iluminar” e ainda uma referência à segunda pessoa do singular com “espaço do *seu* coração”. Nesta canção a

multiplicidade do “eu” é bastante perceptível, com pelo menos quatro possibilidades: exterior (quando o narrador se dirige a um outro), interior (assumindo a forma de sujeito), coletivo (quando fala em “nós”) e onipresente - divino (“estou em tudo” e “em todo lugar”).

Adotando a proposta teórica de Seeger (1980) que entende a música como um “discurso” - não apenas por trazer poesias cantadas, mas por toda a complexidade do contexto musical como um todo - vale lembrar que “Cadê eu” é tocado no ritmo da mazurca e como tal, a *performance* do bailado exige que os neófitos realizem giros corporais de 180 graus. O vai e vem da mazurca, assemelha-se em certa medida a uma “procura” e a execução deste bailado é a única que possibilita uma visualização mais ampla dentro do salão da igreja e de suas partes - e no caso deste hino, as pessoas cantam “cadê?”. Vemos aqui uma combinação entre letra e *performance* por intermédio de elementos (poéticos e corporais) que reforçam a idéia central do hino e a própria fluidez do “eu” que a doutrina constrói. “Tudo” está dentro e fora, interioridade e vida social são dimensões de uma mesma experiência e como diz na poesia: “Gira tudo no espaço desta grande imensidão” ao mesmo tempo em que a “distância” é no “espaço do seu coração”.

Agora que vimos duas questões centrais presentes em todos os hinários: a estrutura dos cadernos (semelhante a um livro biográfico) e as poesias narradas na primeira pessoa do singular, passemos então a analisar algumas situações que envolvem a oferta dos hinos e suas motivações.

### **3. Circunstâncias e agentes da troca**

#### **3.1 Oferta e afeto sem datas prescritas: a questão da espontaneidade**

Apesar da multiplicidade do “eu”, ponto forte da experiência ritual, a oferta de hinos pressupõe a existência de “indivíduos” e “seres” com identidades bem definidas, que doam cânticos para outros também reconhecidos enquanto “indivíduos”, inclusive com os nomes escritos nas páginas dos hinários encadernados. Como vimos, empiricamente as noções de “indivíduo” não preexistem à vida social e por esse motivo não estão inscritas no indivíduo biológico, sendo obras de um (re) nascimento simbólico e social.

Na revisão dos pressupostos teóricos deste capítulo, William Miller aparece entendendo a troca como um ato de comunicação onde os critérios seriam “regras de uma linguagem”. Para se evitar embaraços e mal entendidos o autor sustenta que a troca exige uma habilidade especial no manuseio de sua “gramática”, com doadores buscando corresponder a uma idéia positiva da personalidade do

receptor por meio do objeto oferecido. Além dos trabalhos já expostos sobre o campo da dádiva, Maria Claudia Coelho (2006) no livro em que analisa a troca de presentes em camadas médias do Rio de Janeiro norteia-se por autores orientados teoricamente pelo interacionismo, como é o caso de David Cheal que inspirado por Erving Goffman entende os presentes enquanto construções da auto-imagem. Schwartz, também citado pela autora, acredita nos objetos trocados como meios de transmissão das idéias e imagens que o doador faz do receptor, acabando por definir assim sua própria identidade.

Para Marcel Mauss, em sua obra clássica “Ensaio sobre a dádiva”, os objetos trocados seriam veículos das relações entre as pessoas, revelando a natureza dos vínculos no que tange à posição hierárquica dos parceiros. O autor também chama a dádiva de “um convite à parceria”<sup>9</sup> e segundo Jacques Godbout, admirador declarado da obra de Mauss:

*“Na dádiva o bem circula a serviço dos vínculos. Qualifiquemos de dádiva qualquer prestação de bem ou de serviço, sem garantia de retorno, com vistas a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais entre as pessoas” (1999:29).*

Marcel Mauss (1974) também mostra que entre os *maori* a obrigação de retribuir um presente seria explicada pela crença de que a própria coisa tem uma alma (*hau*) sedenta por retornar ao seio do doador original e à terra, criando vínculos e impulsionando a retribuição. Os presentes seriam oferecidos entre os indivíduos em uma prática distanciada - na ótica dos “nativos” - de uma mera obediência aos regulamentos impostos socialmente e sendo assim, seriam capazes de suscitar e expressar afeto justamente por serem entendidos como espontâneos, autênticos e se dissessem respeito apenas ao cumprimento de uma norma coletiva, tenderiam a ser encarados como obrigatórios, frutos de uma coerção social e por esse motivo sem correlação com a expressão de sentimentos - que embora seja manifestada é vivida como algo interior.

Para Pierre Boudieu (1975) uma das diferenças mais marcantes entre a troca de presentes, o comércio e o contrato, diz respeito à incerteza de uma nova oferta e ao tempo transcorrido entre um presente e a sua retribuição, permitindo que os fatores da espontaneidade e da falta de interesse

---

<sup>9</sup> Talvez não seja uma simples coincidência que a primeira oferta na história da doutrina chama-se “O Convite”, hino ofertado em 1978 pelo Padrinho Sebastião à Madrinha Júlia na abertura do hinário “Nova Jerusalém”: “*Eu convido os meus irmãos para irem ao trono de marfim (...)*”.

sejam a marca dessa experiência na vivência concreta e no entendimento dos indivíduos. Jacques Godbout (1999:29) também fala da dádiva como “essa estranha obrigação de ser espontâneo”.

Maria Claudia Coelho (2006) ao investigar a troca de presentes aponta para um grupo de entrevistadas que se recusa a presentear em datas como Natal, dia das mães, dos pais, aniversários, etc. justamente por entenderem essas ocasiões como coercitivas. Para estas mulheres, dar presentes é “uma coisa do coração” como “dar carinho” e “amor” e o fato de privilegiarem outros momentos para que os presentes sejam dados, fora das datas socialmente estabelecidas, favorece a vivência deste ato como algo espontâneo, resgatando a sua capacidade de transmitir afeto no universo das trocas materiais contemporâneas. Para a autora, “este movimento seria uma condição *sine qua non* para que a dádiva cumprisse sua função de expressão espontânea de afeto” (2006:59).

Dar presentes unicamente porque existe uma expectativa social diluiria a sua dimensão afetiva, justamente porque a sociedade é vista no senso comum enquanto algo externo ao indivíduo e o sentimento como proveniente da esfera íntima. São domínios opostos que de acordo com o *ethos* e a visão de mundo ocidental posicionam-se muitas vezes em extremos apartados e o contraste entre eles chega a inviabilizar o entendimento do afeto como sendo próprio da esfera social.

No universo do Santo Daime observa-se a mesma tensão: enquanto as músicas delimitam momentos dentro do ritual, a categoria nativa que vivencia o hino como um presente - tanto por ser dado por um “ser divino” ao neófito, quanto por ser ofertado para outro membro do grupo - faz com que a rigidez do calendário e da estrutura temporal nas cerimônias ceda lugar à imprevisibilidade do recebimento e da oferta de hinos. Não se sabe onde, quando ou por quem um novo hino será recebido e nem para quem ele será ofertado, sem falar do fato de que nem sempre um hino recebido será necessariamente ofertado, o que aumenta ainda mais a questão da falta de um controle coletivo.

Como vimos, pouquíssimos hinos são recebidos no salão da igreja e a maior parte dos relatos descreve recebimentos em sonhos ou no cotidiano doméstico, como também na rua ou até em trajetos feitos de ônibus e carros - característica peculiar dos adeptos das grandes cidades - e embora as músicas desempenhem papel central nos rituais, um iniciado não precisa ter “tomado Daime” no dia em que as “recebe”. O mesmo ocorre com a oferta, já que o daimista pode oferecer um hino de forma discreta, no intervalo, antes ou depois de um trabalho, em visitas feitas à casa do destinatário ou então em encontros ocasionais ou mesmo via telefone. É comum, ainda que não seja uma regra, que o doador cante o hino uma ou duas vezes no momento da oferta e dê a letra escrita, podendo



incluir uma fita K7 ou Cd gravado para que o receptor memorize o conteúdo musical e poético e venha a colocar o novo cântico no conjunto de seu hinário pessoal.

A falta de certeza sobre o momento e o destino da oferta se liga ao plano da espontaneidade, pois assim como o sentimento, o hino é algo que brota, que emerge e que revela um “lado” do *self* outrora escondido, a saber: o “verdadeiro lado”, a “essência divina”. Tetê Paes Leme, líder da “Jardim Praia da Beira-Mar”, coloca da seguinte forma: “A oferta é uma identificação espiritual, a gente dá, mas não é criado. Ela vem do coração, vem de Deus”.

Algumas letras falam justamente da relação entre afeto e oferta de hinos, como aparece na última estrofe do hino 135, “Linda Flor”, do Padrinho Alfredo:

*É com todo afeto  
E com muito amor  
Aqui eu dedico  
Esta linda flor*

Vejamos as considerações bastante similares do Padrinho Alfredo e do Padrinho Paulo Roberto:

*“Acontece das pessoas assim achar que quer um hino meu e até pedem, a gente fica até mais difícil de receber. A pessoa pede: ‘Ah, me dá um hino? Recebe para mim’, não é assim ‘recebe para mim’ [Por que?] Ah, não é. É uma coisa que o hino é uma mensagem que vem espontânea. Se a gente quiser fazer uma mensagem dessas assim para você ou para quem quer que seja, dedicado ali na hora, não é muito espiritual. [Acontece esse tipo de pedido?] Já, muitos. Dificilmente eu posso dizer sim, eu digo: ‘Olha, se vier, se chegar e for para você, eu dou’”. [Padrinho Alfredo]*

*“[Alguém já pediu um hino seu?] Já [E aí?] Em alguns casos eu até dei porque a pessoa pediu e eu vi que tinha a ver, o pedido dela era consistente. Mas tem gente que me encomenda, gente até antiga da igreja que espera, mas não posso fazer nada. A pessoa fala ‘o próximo, por favor me dá, não sei o que’ e eu falo: ‘oh, se tiver a ver contigo eu te dou com o maior prazer’”. [Padrinho Paulo Roberto]*

Estas falas ilustram com clareza o ponto que aqui sugiro. A partir do momento em que existe um pedido de oferta, surgem expectativas por parte do outro e isso faria do hino algo gerado de fora para dentro, invertendo o movimento no qual a sua geração é tradicionalmente entendida.

Embora vivido como espontâneo, existe uma gramática própria deste tipo de presentear e isso mostra que a doutrina criou elementos para valorizar um discurso emotivo da oferta. A “teoria nativa” do Santo Daime trabalha de forma bastante similar à idéia do *hau*, o “espírito da coisa dada”,

que Mauss apontou como sendo o motor da retribuição. Para um daimista, o hino é dado por um “ser” e posteriormente ofertado por quem o recebe para outro integrante do grupo e eles vivem isso como se o próprio cântico tivesse alma, trilhando uma direção própria. Muitos chegam a dizer que o “hino é ele mesmo um ser”. Os homens não podem influenciá-lo já que isso contrariaria um dos preceitos básicos desta religião, que é a crença no poder mágico dos hinos. Este tipo de oferta, que envolve instituições morais, estéticas, religiosas, etc., também pode ser compreendida à luz daquilo que Mauss chamou como “fatos sociais totais” ao tratar a troca como imbricada aos diversos domínios da vida social. No caso do Santo Daime é uma oferta que tem início no plano “sagrado” e se estende aos homens, fortalecendo alianças e vínculos sociais, conforme o próprio Padrinho Alfredo definiu em outro momento da entrevista:

*“A oferta é uma questão de dedicação mesmo, natural. São dedicações que chegam naturalmente, às vezes a pessoa está trabalhando junto, de ombro a ombro ou tem uma cura a fazer relaciona àquela mensagem (...) então, isso é uma coisa mais de um laço familiar do próprio hinário. Eu acredito que o hino traz uma direção para aquela pessoa que recebe o presente.”*

Percebemos a existência de um perfil dos que recebem esse tipo de presentes - não sendo escolhas aleatórias por parte do doador e muito menos atendimento de solicitações alheias - mas correspondem a “laços familiares” e vínculos sociais muitas vezes estreitos entre o receptor do hino e o da oferta. Esses laços são mantidos e renovados por intermédio dos cânticos, publicados em cadernos e lidos por todos os frequentadores dos cultos, mas os doadores vivenciam essa experiência como sendo do terreno da espontaneidade e da espiritualidade. Talvez por esse motivo padrinhos ilustres recebam pedidos de ofertas, já que muitos dos daimistas demonstram interesse em ingressar nessa rede de vínculos dos líderes, formada e alimentada através das ofertas das músicas. Por outro lado, é o próprio *ethos* da doutrina que legitima uma negativa dos líderes, quando estes dizem “se vier e for para você, aí eu dou”, isentando-se de uma possível obrigação.

Assim como o grupo de mulheres de camadas médias do Rio de Janeiro que se negam a presentear em datas pré-estabelecidas a fim de resgatar a dimensão emotiva da dádiva, a ausência de datas do presentear que envolve a troca de hinos entre os membros do Santo Daime - em meio a uma infinidade de práticas ritualizadas e marcadas com precisão no calendário religioso e dentro dos salões - parece indicar a mesma lógica, ou seja, receber hinos de seres sobrenaturais e ofertá-los entre os neófitos é uma forma de manifestar afeto, tanto para os que estão doentes como para com

amigos, parentes ou líderes. É uma troca vivida como espontânea: um tipo de dádiva propriamente dita. Existe, portanto, uma dupla relação com o “tempo”: as mesmas músicas que estabelecem tempos específicos para uma variedade de práticas minuciosamente elaboradas no ritual só podem ser geradas e doadas - segundo a lógica do grupo - quando desvinculadas de qualquer tempo fixo pelo calendário e/ou na cerimônia, o que neste caso pareceria um tipo de “obrigação”.

A diferença mais marcante entre o oferecimento de presentes e de hinos, consiste no fato de que para os daimistas, em ambos os momentos do processo - no recebimento mediúnico e na oferta - o indivíduo também não possui autonomia sobre o ato de presentear com os hinos (não é algo “pensado”) amplificando ainda mais o argumento da espontaneidade, que não pode ser prevista e controlada pela sociedade e nem mesmo por seus membros. De acordo com o discurso nativo, as composições seriam obras de Deus e de seres espirituais e estes muitas vezes decidiriam por quem, para quem, como e quando os hinos devem ser encaminhados. A ansiedade seria um fator negativo já que tenderia a tentar antecipar o momento do recebimento que como já foi dito é vivido dentro de seu próprio tempo “natural”.

*“Eu já vinha me interessando por essa história de hinos e até queria receber, mas foi num trabalho anterior ao dia das mães que um pessoal sentou-se à mesa durante o intervalo do hinário e ficaram conversando um pouco sobre hino, cada um apresentando um hino seu. Foi aí que eu tive um toque legal, um fardado de outra igreja virou para mim e falou assim “canta um hino seu agora”, falei “ó, ainda não recebi nenhum hino meu e nem oferta”, ele falou “não, mas vai receber, entendeu, fica tranquilo e isso aí vai acabar chegando para você, não tenha pressa. Às vezes a gente tem muita pressa de querer receber hino e aí é que não recebe mesmo”. [Marco Helênio]*

Uma ordem divina também é desprovida de intenção racional por parte do “aparelho” receptor, sendo assim, se os sentimentos como amor e a solidariedade são elevados e divinos, então é Deus quem os reforça a cada hino ofertado entre casais, amigos, parentes e amigos.

*“[Às vezes acontece de você querer muito ofertar um hino para alguém e ele chegar?] Não. Acho que não, às vezes eu até tenho vontade de (...) puxa, queria tanto receber um hino para tal ou tal pessoa, mas não é da minha vontade, parece” [Flávia]*

Ainda que não exista ritual do Santo Daime sem música a agenda dos trabalhos não prescreve uma única cerimônia para recebimento e ofertas de hinos, facilitando a vivência desses atos como essencialmente espontâneos e não existindo uma consciência de datas ou pessoas socialmente reguladas para as trocas. Possivelmente isto é o que define a sensação da falta de obrigatoriedade.

Nem sempre se recebe um hino para uma pessoa específica que supostamente “precisaria” de um ou para quem um daimista gostaria muito de ofertar, mas isso também pode acontecer, todavia é sempre vivido como algo que não faz parte da vontade do indivíduo.

Procurei mostrar no capítulo anterior como a categoria daimista que distingue o recebimento de um hino e uma composição musical está baseada na relação do sujeito com seu próprio pensamento, concluindo que no Santo Daime o sentimento é valorizado de forma especial. Já no caso específico da oferta, a falta de datas para a sua troca e de pessoas definidas para tal tarefa, possibilita a vivência da dádiva como espontânea, colaborando com o lugar de destaque ocupado pelas emoções nesta visão de mundo, onde a espontaneidade tem profunda relação com o sentimento e com o sagrado, opondo-se a uma idéia de coerção social ou resultado de uma vontade consciente do indivíduo.

### **3.2 Os hinos que curam**

A oferta de um cântico daimista não pode ser planejada nem esperada, mas como disse o Padrinho Alfredo trata-se de “um vínculo familiar do próprio hinário”. Ainda que não possamos precisar os momentos de recepção e oferta de um hino e nem mesmo os parceiros específicos deste ciclo, é possível percebermos certas regras socialmente compartilhadas no universo da troca de músicas.

O hino costuma ser ofertado pelo daimista para um parente ou amigo, normalmente também iniciado na religião, principalmente quando este passa por alguma situação-limite de extrema felicidade ou sofrimento. Sendo assim, vemos muitos hinos ofertados em casos de doença ou cura, o que segundo Padrinho Alfredo caracterizou o início das ofertas por parte do Padrinho Sebastião: “Hino ofertado? Isso aconteceu por volta de setenta e cinco para cá mediante trabalhos de cura feitos para determinadas pessoas ou também no caso de uma dedicação pelo fato da pessoa estar, como se diz assim, integrado no mesmo ensinamento do hino”.

Luis Eduardo Luna (1986:107) apresentou um importante exemplo sobre a crença no poder curativo das melodias entre os “vegetalistas” peruanos. Don Manuel Ahuanari, de oitenta anos, conheceu Luna dentro de uma sessão com a *ayahuasca* e lhe contou que aos doze anos de idade havia sido picado por uma perigosa cobra venenosa que quase o matou. O falecimento só não se concretizou pela visita de um jovem curandeiro que cantou um *ícaro* específico para a cura deste tipo de moléstia. Don Manuel Ahuanari aprendeu o cântico naquele mesmo dia em que por ele foi

curado e assim salvou muitas outras pessoas durante sua longa vida, fazendo sempre uso desta mesma canção mágica no tratamento de pacientes atacados por cobras da mesma espécie.

No universo cosmológico do Santo Daime uma das principais propriedades de um hino é o seu potencial de cura, assim como entre os “vegetalistas” com os *ícaros*. Muitos daimistas afirmam que - ao contrário do exemplo citado por Luna onde existiriam cantos específicos para cada diagnóstico - a bebida (Santo Daime) e os hinos de louvor podem curar qualquer tipo de doença. Diversos cânticos trazem pedidos, invocações e/ou relatos de curas bem sucedidas.

*Eu entrei em entendimento entre o meu eu e matéria  
Sou luz, expulso doença e destrincho a causa dela  
(Hino 67, “Eu entrei em entendimento”, Padrinho Alfredo).*

Dentro de uma tipologia das modalidades de ofertas mais recorrentes, vemos nas situações de doença casos muito comuns.

*“Meus primeiros hinos quase todos eu recebi doente, mirando na cura e aí recebia um hino e tenho muitos assim. Hino para ser bom a pessoa recebe passando por qualquer apuro de equilíbrio e de afirmação, de auto-afirmação (...) Já a oferta é também uma coisa que vem e na hora aquela pessoa é merecedora daquela mensagem e precisa muito dela. Às vezes é uma mensagem para ajudar aquela pessoa a se desenrolar na vida espiritual, uma questão de dedicação mesmo, é natural. São dedicações que chegam naturalmente e aí muitas vezes a pessoa tem uma cura a fazer relacionada àquela mensagem.”[Padrinho Alfredo]*

Durante uma das conversas que tive com o Padrinho Alfredo, ele me disse ter se curado mais de três vezes da malária, todas elas sem fazer uso de remédios industrializados e apenas bebendo o Santo Daime e cantando hinos. Em uma das vezes chegou a aceitar os comprimidos deixados por alguns estudantes voluntários de medicina que passavam pela região e até fingiu tomá-los, guardando para uma eventual urgência. Coincidentemente nesta mesma época, no mês de junho, a comunidade (ainda no Rio do Ouro) sofria com a escassez de comida. Padrinho Alfredo em conjunto com outros poucos homens, mesmo adoentado, pegou um barco e levou seringa para tentar vender em municípios vizinhos a fim de trazer provisões. A jornada foi bem sucedida e os homens voltaram carregando toneladas de alimentos para serem repartidos por toda a comunidade. Devido aos obstáculos encontrados no caminho fluvial (marés baixas, árvores caídas que interrompiam o fluxo, etc.) o grupo se viu obrigado a carregar muitos quilos de comida nas costas e/ou puxá-los com

cordas pela margem dos rios. Neste meio tempo o piloto da embarcação, não tão habituado a tomar Daime, também adoeceu com a malária e Padrinho Alfredo, já curado da doença, lhe deu os comprimidos que permaneciam intactos, guardados em seu bolso.

Passados um mês e meio, quando regressou à comunidade são e salvo e trazendo comida, Padrinho Alfredo contava ainda com novos cânticos para a sua coletânea pessoal, hinos por ele recebidos durante a árdua empreitada. Lembro-me dele mencionar o “Dia primeiro de junho”, número 119, que resume um pouco da história:

*Dia primeiro de junho eu entrei de serviço  
Vi as águas me dizendo, meus filhos não façam isso  
Aí fiquei a escuta para ver para onde ia  
Vi retratada na Lua a Sempre Virgem Maria  
Assim é o Mestre dizendo em mim, no meu pensamento  
Vejo a pureza da Lua, no azul do firmamento  
E no combate das águas, meus filhos façam isso  
Está tudo na história do Senhor Rei Jesus Cristo  
Aos que são obedientes nunca paro de mostrar  
Quanto mais anda mais vê essa estrela brilhar  
Esta estrela brilhante do peito do nosso Pai  
É quem nos dá toda força e faz tudo balançar  
O balanço é de amor, para todos estudar  
De todos balanços fortes, é o mais forte que há*

Madrinha Cristina, antes de seu falecimento no ano de 2005 com a idade de sessenta e sete anos, adoeceu com enfisema pulmonar agudo e então recebeu diversos hinos como presente. Padrinho Paulo Roberto deu “A força desta cura” e Madrinha Nonata, “Vida Nova”:

*Meu Pai é o Sol, minha mãe é a Lua  
A vitória é da luz e de quem lhe procura  
Oh! Meu Pai de bondade, minha Mãe de ternura  
Agradeço o milagre, a força desta cura  
A força desta cura é espiritual  
Da Rainha da Floresta, lá do alto do astral  
A vitória da luz é a vitória da vida  
Vem de meu Pai Eterno e de minha Mãe querida  
(Trecho do hino, 145 “A força desta cura”, de Padrinho Paulo Roberto)*

*Estou aqui, estou aqui porque Deus me determina  
Estou com a Virgem Mãe, meu Padrinho e minha Madrinha  
Meu Padrinho e minha Madrinha eu quero Vos agradecer  
Por essas lindas palavras que me faz renascer*

*A alegria e a esperança dentro do meu coração  
De receber a cura através da respiração  
Confia, confia, confia na minha palavra  
Que há muito tempo eu deixei contigo através da linda mensagem  
Mesmo com todo sofrimento não queira esmorecer  
Te firma na vida nova que a mensagem veio dizer  
(Hino número 08, “Vida Nova”, Madrinha Nonata)*

O hino ofertado pela Madrinha Nonata faz diversas referências à pessoa de Cristina. Em primeiro lugar Nonata foi batizada por Padrinho Nel e Madrinha Cristina, que neste caso podem ser interpretados como os padrinhos mencionados no hino: “estou com a Virgem Mãe, meu padrinho e minha madrinha / meu padrinho e minha madrinha eu quero vos agradecer”. A doença pulmonar também é mencionada no verso que fala da alegria e esperança na “cura através da respiração”.

Esta madrinha, Cristina, é personagem de grande prestígio na doutrina e recebeu, em meados dos anos oitenta, a décima nona oferta do Padrinho Sebastião, com o hino “A Mensagem”, intitulado assim seu caderno de hinos. Na parte final do cântico doado por Nonata parece que o próprio Padrinho Sebastião faz-se presente a fim de lembrar veementemente o hino que havia dado à Madrinha Cristina. “Vida nova” - que inclusive é o título do hino da Madrinha Nonata - e “mensagem” são expressões daquele cântico que aqui reaparecem: “Confia na minha palavra que há muito tempo eu deixei contigo através da linda *mensagem* / Mesmo com todo sofrimento não queira esmorecer, te firma na *vida nova* que a *mensagem* veio dizer”. Os vínculos sociais são retroalimentados por meio das ofertas, partindo muitas vezes daqueles indivíduos já falecidos aos que se encontram na liminaridade das doenças terminais, passando pelos vivos e saudáveis.

Vejamos a poesia do hino doado pelo Padrinho Sebastião à Madrinha Cristina, ainda na década de oitenta:

*Eu convido os meus irmãos para todos escutar  
Uma linda mensagem que a Virgem mandou dar  
Eu convido os meus irmãos para todos prestarem atenção  
Esta linda mensagem que eu trago para os meus irmãos  
Escutem meus irmãos o que a mensagem veio dizer  
É andar direitinho, com cuidado para não morrer  
Sempre aqui é preciso respeitar, vamos todos mudar de opinião  
Dizendo que estão seguindo, estão longe do meu paraíso  
Vamos todos meus irmãos escutar, o que a mensagem veio dizer  
É uma vida nova que o nosso Pai e nossa Mãe manda nos dar  
Todo aquele que prestar bem atenção, botar o ouvido e perceber  
Terá uma vida eterna, com meu Jesus, Santa Maria e São José  
(Hino 19, “A Mensagem”, do hinário “Nova Jerusalém” do Padrinho Sebastião)*

### 3.3 Cantando um hino que é a sua cara<sup>10</sup>

De um modo geral todos os teóricos da dádiva sustentam que ao darmos um presente estamos almejando criar, manter ou estreitar laços sociais, falando do outro e de nós mesmos através do objeto doado - código supremo deste “idioma”.

Durante as cerimônias de hinário, todo o participante, mesmo o que desconhece os devidos receptores do hino e da oferta, pode interpretar os cânticos como sendo mensagens que trazem algum ensinamento aplicável na sua vida pessoal. Isto é possível devido principalmente ao recurso poético do “eu” narrador e na crença em propriedades musicais mágicas, todavia, muitos hinos ofertados falam de características identificadas como sendo peculiares ao doador e ao receptor. Esses traços simbólicos presentes no hino, especialmente na letra, tendem a ser o grande elo de ligação entre os parceiros da troca, “donos” de um mesmo hino, cujos vínculos são publicados em cadernos (seja como doador ou receptor da oferta).

*“É incrível mesmo essa história dos hinos, é espiritual. Às vezes quando alguém oferta um hino e você escuta, aí chega a entender que aquele hino é daquela pessoa mesmo. Você ouve o hino e diz: “É a cara daquela pessoa!”. Você sabe que aquele hino é daquele e é muito impressionante. Isso quando você também conhece a pessoa para quem o hino foi ofertado”. [Tetê]*

Em alguns casos algum trecho do cântico ofertado evoca uma “imagem” nítida daquele que o ganha, seja um traço de sua personalidade, situação que esteja vivendo, algum arquétipo do panteão daimista por quem o receptor da oferta tenha grande estima ou até mesmo o seu nome próprio, o que também é muito comum.

*“Normalmente eu oferto porque a pessoa chega na hora que eu estou recebendo. Eu não sei explicar isso, pode ser a imagem da pessoa mas é mais a essência da pessoa, como se fosse uma presença que eu sinto chegando e depois a gente vê que realmente o hino tem a ver com aquela pessoa”. [Padrinho Paulo Roberto]*

---

<sup>10</sup> Inspiro-me no segundo capítulo do livro de Maria Claudia Coelho (2006): “‘Um presente que é a sua cara’: dádiva e apresentação de si”. A autora analisa episódios de “gafe” e trocas entre marido e mulher, investigando as formas de construção das imagens de si, por intermédio dos presentes.



*“Quando você oferta um hino é porque sentiu nele alguma coisa relacionada com determinada pessoa e então você só dá quando aquela mensagem esta ligada diretamente à pessoa”.*[Nilton Caparelli]

Observamos muitas situações de ofertas dentro de uma mesma família, em hinos que possivelmente visam manter e relembrar os laços sociais já consolidados. Madrinha Rita, a grande matriarca do CEFLURIS, recebeu e deu hinos de grande expressão entre vários de seus filhos como Alfredo, Valdete, Nonata e José.

Um dos três hinos ofertados à Rita Gregório de Melo pelo Padrinho Alfredo, “Lembranças do amor”, abre o caderno dos “hinos ofertados” desta madrinha e traz uma dedicação em sentido metafórico, ao falar da lua como símbolo materno. A poesia também pede saúde aos seus “responsáveis (...) Papai e Mamãe”:

*Oh! Lua, Vós sois tão formosa  
Receba do meu coração  
Estas lembranças de amor, que digo nesta canção  
Oh! Mãe, Vós sois dominante  
E tudo vem dominar  
Estás expandindo amor  
A todos que Lhe procurar  
Amor é este trabalho  
Sempre feito de coração  
Que vem dito nesta doutrina da Virgem da Conceição  
(...)  
Eu rogo a quem me ensina  
Tranqüilidade e amor  
Saúde aos meus responsáveis, eu peço ao meu Redentor  
Meu Papai e minha Mamãe aqui eu digo de mim  
Eu faço por mim e por vós  
Vós fazei por vós e por mim*

Já o hino da Madrinha Nonata parece mesmo uma declaração de amor mais literal àquela que a gerou, ainda que como de praxe permita múltiplas interpretações:

*Minha mãe, minha mãezinha dona do meu coração  
Eu quero agradecer, pela sua dedicação  
Como mãe, como Madrinha, aqui dentro da doutrina  
Eu quero sempre louvar, toda hora e todo dia  
Quero sempre festejar estes grandes festejos:  
Santo Antônio e São João, a senhora e São Pedro  
Para sempre, para sempre com a senhora no salão  
Cantando este lindo hinário do papai Sebastião  
Viva a aniversariante do festejo deste dia*

*Junto com os meus irmãos e toda nossa família*  
(Hino 4, “Minha Mãe, minha Mãezinha”)

O hino acima fala da Madrinha Rita em sua posição de “mãe e madrinha” na doutrina, menciona a data do aniversário que ajuda a compor o calendário no “festival das festas juninas”, instituído com quatro rituais, os quais variam cantando-se os hinários do Mestre Irineu, Padrinho Sebastião e Padrinho Alfredo. A estrofe que diz “para sempre com a senhora no salão, cantando este lindo hinário do papai Sebastião” faz uma referência explícita à data do aniversário de Rita, na qual cantam-se sempre “O Justiceiro” e “Nova Jerusalém”, hinários de Sebastião Mota.

### **3.4 Reinventando as datas do presentear**

Embora não existam datas pré-estabelecidas para a entrega dos hinos, algumas pessoas podem recebê-los e/ou oferecê-los em dias próximos a aniversários, Natal, dia dos pais e das mães ou quando no nascimento de uma criança. Já que não se espera por ofertas de hinos em nenhuma data - muito menos nestas, tradicionalmente atreladas à troca de objetos e fixadas por um calendário ocidental tradicional - o hino pode justamente reafirmar-se como um presente espontâneo mesmo nessas circunstâncias, reinventando uma agenda para dar e receber hinos. Ainda assim a oferta vem adequar-se nessas festas para falar de relações familiares específicas, de uma maneira inusitada.

*Meu Pai tem toda força me livrou de todo mal*  
*Com este presente que me deste de Natal*  
*Me deu este presente e quem zelar dirá é meu*  
*Resplandece aqui na Terra o dia de São Irineu*  
(...)  
*A Vós eu peço e rogo agradecendo o meu Natal*  
*Meu escudo é a Rainha e deixa quem quiser falar*  
(...)  
*Eu zelo este presente para ser o meu sustento*  
*Me lembrando do meu Mestre sempre no meu pensamento*  
(Hino 49, “Presente de Natal”, de Padrinho Alfredo)

“Dia das mães”, sétimo hino do hinário a “Nova Era”, também do Padrinho Alfredo, foi mais um cântico por ele ofertado à Madrinha Rita pedindo que a “Santa Mãe das mães” proteja sua família conjuntamente com sua “mãe que lhe trouxe em matéria”.

*Firmei-me na Lua Cheia no grande dia das mães  
Pedindo conforto a meu Pai e pedindo benção a Mamãe  
A benção para viver e colher esta grande família  
Para um dia apresentar no Reino da Soberania  
Oh! Santa Mãe das mães, em todo universo impera  
Protegei a nossa família com minha mãe que me trouxe em matéria  
A doutrina é verdadeira, o Santo Daime em tudo se soma  
O Mestre é O de Nazaré e o mistério é da Amazônia*

Esses hinos estimulam um sentimento de fraternidade entre os adeptos e de “filiação” para com a família de Sebastião Mota e demais “padrinhos” e “madrinhas”.<sup>11</sup>

*“ Eu estava com a Madrinha Rita lá na casa do Marco Imperial, aqui no Rio, quando o Padrinho Sebastião caiu e morreu. A Madrinha Rita começou a chorar e poucas foram as pessoas que viram o acontecimento [O que sentiu quando o Padrinho caiu?] Eu fiquei em estado de choque, mas como eu estava com a Madrinha Rita, eu tenho uma ligação muito forte com ela desde aquela época e de vidas passadas, não é possível e então eu não largava a mão dela. Uma coisa tão forte que tudo no Mapiá mudou muito depois que ele morreu. Eu sinto a proteção dele sempre, ele está aqui com a gente agora nos protegendo, no que eu estou falando e no que você está escutando, ele está presente. Eu sinto assim, eu acredito [Mas mudou muita coisa?] Mudou porque não tem a presença dele. Porque ele, o Padrinho Sebastião era o pai e patriarca de todos, as mulheres trabalhavam com ele e era o pai de todas as crianças e de todos os adultos, era uma coisa muito forte o que vinha dele. Toda hora: “Ah, vou falar com o Padrinho Sebastião” ou “O Padrinho não gosta disso”, as crianças respeitavam e obedeciam a ele. De repente quando ele foi embora a comunidade ficou órfã, porque o filho não é pai e não faz o papel do pai. Faz o papel do filho que é maravilhoso, mas não faz o papel do pai, faz outra coisa, então o povo dele teve que aprender e houve alguns desacertos, no povo tendo que se reeducar sem o pai, o órfão está sem pai, o pai forte [E qual é o futuro da doutrina?] Eu acho que sempre vai ter um continuador, o Padrinho Alfredo vai saber na hora, assim como o pai fez. Ele não fez isso depois que morreu, ele estava em vida quando passou para o filho e vai fazer a mesma coisa que pai fez, vai encontrar um filho próximo.” [Biná]*

Vagner Gonçalves da Silva (2000) apresentou fenômeno semelhante entre adeptos de cultos afro-brasileiros, cujos líderes são “pais” e “mães-de-santo”. Padrinho Sebastião aparece nos hinos como o “papai” e Madrinha Rita a “mamãe”, não só daqueles filhos biológicos que recebem cânticos com essas afirmações, mas de toda a comunidade que também pode vir a receber hinos com discursos da mesma natureza.

<sup>11</sup> Além de “Mota de Melo” e “Gregório”, famílias do Padrinho Sebastião e de sua esposa, outras famílias tradicionais, que acompanharam Sebastião Mota de Melo desde os tempos da Colônia Cinco Mil também possuem grande prestígio na comunidade do Mapiá, como é o caso dos “Corrente” e “Raulino”.

Padrinho Alfredo também me contou que na época do nascimento de um de seus filhos, Cidalvino, não sabia que nome dar à criança, mas perto do último mês de gestação recebeu o cântico de número 118, “A Estrela”, que deveria de ser ofertado ao neném, ainda na barriga. O hino trouxe uma frase instruindo o nome que haveria de ser dado ao mais novo descendente de Sebastião Mota:

(...)

*Com verdade te chamei, com amor eu percebi  
Do Sol é que me veio, da Lua eu recebi  
Eu pedi à Santa estrela e chegastes para mim:  
**Cidalvino** aqui chegou, mais uma flor no meu jardim  
Cantemos, manos cantemos, com amor e alegria  
Este cântico em louvor à Sempre Virgem Maria  
Esta prenda eu herdei no sagrado rio Jordão  
Testifico e justifico, o meu Padrinho é São João*

#### **1.4.1 Um novo hino na “Oração do Padrinho Sebastião”**

Em todos os dias quinze e trinta de cada mês, ao longo de todo o ano, são cantados doze hinos do Padrinho Sebastião selecionados para o ritual de “concentração” e é incentivado que os fardados cantem esses mesmos hinos diariamente em suas casas às seis horas da tarde, ainda que sem a utilização do Santo Daime. A Madrinha Júlia é uma das líderes reconhecida por praticá-los desta forma há mais de décadas, sendo chamada de “zeladora” ou “guardiã da ‘Oração do Padrinho Sebastião’”. A partir dos anos noventa anexou-se um novo hino à “Oração do Padrinho Sebastião”, que apesar do nome contou desde então com um cântico do Padrinho Alfredo, “Eu pedi e tive o toque”. No ano de 2006 a Madrinha Nonata recebeu o hino “Magia da oração” que traz referências a todos os hinos da oração, numa espécie de resumo. A própria canção se declara como sendo obra de São João, duplo imaginário do Padrinho Sebastião, e foi então ofertada para a Madrinha Júlia. Esta instituiu que o hino deveria ser mais um a compor a “Oração do Padrinho”.

*Meu São João , meu São João  
Foi quem cantou está canção  
Para mim e para ti .  
Na magia da oração*

*Examine a consciência  
E acalme teu coração  
Através da minha palavra  
Refletida na oração*

*A meu pai peço firmeza  
E não saio do meu lugar  
Eu vivo com meu Mestre  
Na barca que corre no mar*

*É pedindo e rogando  
Que devemos sempre estar  
Às seis horas da tarde  
Com amor vamos cantar*

*Dem dum, dem dum ,dem dum  
Eu não sou Deus, mas tenho esperança  
Eu pedi e tive o toque  
Quem reza com Deus nunca se cansa*

*Estou rezando sempre zelando,  
Dentro do meu coração  
O que o senhor deixou comigo  
A hora sagrada da oração*

(Hino 09, “Magia da oração”, recebido Madrinha Nonata e ofertado para Madrinha Júlia)

Este caso apresenta uma série de vínculos familiares e de prestígio na doutrina. Quem é o ser que entrega o hino? Para quem ele faz a doação? E quem recebe a oferta do hino recebido?

Os lugares nos quais estas “pessoas” falam, através da música, é o grande suporte social para que o conjunto dos hinos clássicos do Padrinho Sebastião pudesse ser reinventado em pleno ano de 2006, com a inserção de uma nova peça na “oração” tão tradicional. “São João” é quem entrega o presente - “foi quem cantou esta canção, para mim e para ti” - o mesmo “ser” que é o dono da “oração” à qual a poesia se refere, “aparelhado” por Nonata. O hino é então endereçado à Júlia, não por acaso a “guardiã da oração”. Madrinha Júlia - motivada pela natureza do conteúdo poético do hino e por ele ter sido a ela doado pela sobrinha Nonata - coloca-o na “oração” e não encontra resistência dos outros membros da diretoria do CEFLURIS e nem da parte dos músicos e “puxadoras” mais tradicionais. Os daimistas entendem esse fato como uma ordem do “astral”, uma coisa que foge à vontade dos envolvidos na troca de hinos, mas cheguei a ouvir uma fardada comentando no intervalo de um trabalho: “Agora que a ‘Oração do Padrinho Sebastião’ tem um hino do Padrinho Alfredo e outro da Madrinha Nonata, vai esperando que um dia chega o do Padrinho Valdete” - filhos de grande prestígio. Por um lado este comentário parece soar como uma crítica, como se a inclusão desses hinos fosse uma forma de construção de prestígio/hierarquia por parte desses “filhos” que inserem seus hinos em um momento ritual importante, e não como algo

vinculado estritamente à doutrina. Sendo assim o poder mágico dos hinos, aproxima-se dos objetos trocados nos sistemas-dádiva tradicionais, dramatizando relações hierárquicas entre doador/receptor (Mauss, 1974).

Esses são aspectos da troca de hinos que nos fazem entendê-la como uma “gramática”. Através desses presentes, quem “fala” o quê e para quem? De que lugares essas pessoas estão falando? Vejamos algumas possibilidades nesse “diálogo”.

### **3.5 Da floresta até o mar, atravessando os oceanos**

Paulo Roberto e Nonata, Nilton Caparelli e Tetê, casais que dirigem as duas igrejas por mim estudadas - “Céu do Mar” e “Jardim Praia da Beira-Mar” - receberam e ofereceram alguns hinos entre si e dos padrinhos fundadores do CEFLURIS. Duas das ofertas são emblemáticas na consolidação desses personagens enquanto figuras de liderança, legitimando e incentivando a consolidação da doutrina em solo carioca. O hino “Eu sou brilho do Sol” foi endereçado a Paulo Roberto pelo Padrinho Sebastião e “Anjo de Deus” ofertado pelo Padrinho Alfredo para Nilton Caparelli - esses presentes ajudam a contar a história desta doutrina na cidade do Rio de Janeiro. Ambos os receptores, além de padrinhos das igrejas cariocas, são muitas vezes encarados como os principais responsáveis pela expansão mundial do Santo Daime. Segundo seus próprios depoimentos os primeiros rituais realizados fora do Brasil, na segunda metade da década de oitenta, foram organizados por Paulo Roberto e Caparelli, que ainda hoje atuam representando esta linha de trabalhos espirituais em sucessivas viagens por todos os continentes.

Cada um de sua forma interpreta os presentes recebidos pelos antigos líderes como uma previsão do que estava por vir, resultado do estreitamento de vínculos afetivos e um tipo de autorização para seguirem na proliferação global da religião. O recebimento de uma oferta quando parte de um líder, promove a ligação afetiva entre os parceiros da troca e esta manifestação de afeto tem profunda relação com a consolidação de uma posição hierárquica de maior prestígio. Começemos pelo primeiro dos dois casos.

#### **3.5.1 Eu sou brilho do Sol**

O hino “Eu sou brilho do Sol” fecha o segundo hinário do Padrinho Sebastião com a oferta sendo feita ao genro Paulo Roberto, padrinho da primeira igreja fora do solo amazônico. Vemos no relato do receptor do presente uma clara associação entre este hino derradeiro e a transmissão de um “legado” espiritual.

De acordo com o livro de Lucio Mortimer (2001), Sebastião Mota de Melo faleceu quando era cantada a estrofe final de seu último hino, como se ali findasse o livro simbólico de sua biografia. Se o hinário é a história de vida do receptor, o último hino teria um papel especial e por meio da oferta, que abre o hinário do Padrinho Paulo Roberto (intitulado “Luz na escuridão”), a história da doutrina trilhou novos caminhos. O fechamento do hinário a “Nova Jerusalém” do Padrinho Sebastião deu início a uma nova fase no desenvolvimento da religião e a relação familiar entre receptor e doador do hino “Eu sou brilho do Sol”, já consolidada desde o casamento do psicólogo carioca e a filha do fundador do CEFLURIS, foi reafirmada na oferta sucedida em pleno processo de intensificação da doença cardíaca de Sebastião Mota, que inclusive foi trazido ao Rio de Janeiro para se tratar devido ao empenho de Paulo Roberto.

Ainda que o Padrinho Alfredo Gregório de Melo seja o atual presidente mundial do CEFLURIS e principal representante do Santo Daime em todo o mundo - posição deixada pelo pai - Padrinho Paulo Roberto e Madrinha Nonata tomaram a liberdade de inserir algumas modificações nas cerimônias do “Céu do Mar” - o que inclusive parece ser autorizado pela Madrinha Rita e o Padrinho Alfredo, sem gerar uma disputa política. Além de uma significativa alteração no calendário oficial dos trabalhos, com o hinário do Paulo Roberto sendo cantado nos dias dos pais e *reveillon*, ao invés do tradicional hinário do Padrinho Alfredo - que no “Céu do Mar” é cantado apenas nos dias de São José e São Pedro - a Madrinha Nonata é o único “aparelho” da doutrina que nos poucos rituais de incorporação de espíritos recebe o próprio Padrinho Sebastião. Paulo Roberto também dirige algumas igrejas no exterior, sem um vínculo institucional com o CEFLURIS e o ritual de preparação da bebida (“feito”), com tarefas diferenciadas entre os sexos - homens cuidando do corte, limpeza e maceramento do cipó (também chamado de “jagube”), assim como das panelas e as mulheres colhendo, ensacando e limpando as folhas, chamadas de “rainhas” – também possui algumas diferenças no “Céu do Mar”, que conta com uma fornalha de seis bocas em forma de uma grande estrela e máquinas que substituem a tradicional “bateção” do cipó.

No entanto, é muito comum que esses padrinhos visitem-se mutuamente, participando dos cultos nas igrejas um do outro, quando Alfredo vem ao Rio ou quando Paulo Roberto e Nonata vão

ao Mapiá, assim como ambos são padrinhos dos respectivos filhos, tendo também alguns hinos ofertados entre si.

*“O Padrinho Sebastião recebeu “Brilho do Sol” aqui em casa,, na varanda do meu quarto que tem uma vista bem peculiar aqui do Céu do Mar, tem o mar, tem o céu, a mata e a montanha da Pedra da Gávea. Esse hino é cara desse lugar aqui. Lembro do Padrinho mostrando para mim, chegou e falou “vem cá que eu quero te mostrar uma coisa”, cantou para mim e me ofereceu o hino. [Sente alguma coisa especial em relação a este hino?] Sinto, sinto. Quer dizer, eu acompanhei muito ele nesse final, ele estava doente quase morrendo lá no Mapiá e eu trouxe ele aqui para o Rio duas ou três vezes por causa dessa situação. Então parece que foi um legado que ele deixou para mim, o hino estava deixando alguma coisa para eu tocar para frente e isso apareceu de várias outras maneiras depois. Eu senti no hino ele deixando assim alguma coisa para mim, como se estivesse passando a própria missão da doutrina, a missão do Daime..”*  
[Padrinho Paulo Roberto]

A marcha “Eu sou brilho do Sol”, por ser o último cântico que o Padrinho Sebastião recebeu em vida, é entoada e repetida antes do término de todos os trabalhos do Santo Daime, sendo por esse motivo um dos hinos mais cantados e conhecidos em todo o mundo.

*Eu sou brilho do Sol, sou brilho da Lua  
Dou brilho às estrelas porque todas me acompanham  
Eu sou brilho do mar, eu vivo no vento  
Eu brilho na floresta porque ela me pertence  
(Hino 26 do hinário “Nova Jerusalém”)*

Outros hinos recebidos pelo Padrinho Paulo Roberto narram a vinda do Santo Daime ao Rio de Janeiro e o colocam também na posição de um dos principais sucessores do Padrinho Sebastião. O “legado”, mencionado acima e confirmado “de várias outras maneiras”, é trazido à tona pelos hinos abaixo, especialmente no segundo deles com o nome de “A missão”.

*Veio da floresta como um beija-flor, pousou na beira mar e expandiu o seu amor  
Mostrando para todos o caminho do Senhor ajuntando os seus filhos na estrada do amor  
(Trecho do hino “Beija-Flor”, número 29 de Paulo Roberto).*

*Eu vim aqui no Oriente na terra do Sol nascente, eu vim para cumprir  
Sim eu vim cumprir desígnio universal do Príncipe Imperial  
O Príncipe Imperial foi quem mandou levantar esta bandeira  
Brasileira, celestial do brilho da Santa Luz de cristal  
O brilho da Santa Luz de cristal, da Virgem Soberana Mãe Santíssima  
Sereníssima, Rainha da Compaixão  
Oh! Virgem da Conceição  
A Virgem da Conceição entregou ao nosso Mestre*



*A bandeira da Verdade, da caridade  
Sabedoria, luz de conhecimento  
A doutrina e seus fundamentos  
Nosso Mestre transmitiu o que recebeu  
Ao seu sucessor, meu São João  
Com seu coração de ouro e a coragem de um leão  
Meu Padrinho retransmitiu pelas terras do Brasil esta doutrina do amor  
E me ensinou a ter coragem, força de vontade, comunicar a mensagem  
Assim é que um brasileiro aprendeu com um guerreiro  
A viajar pelo estrangeiro com a luz na mão  
Beija-flor atravessou os oceanos, chegou aqui no Japão  
Eu peço ao meu Padrinho e ao nosso Mestre  
Proteção pra essas igrejas, santas defesas  
Para aqueles que professam esta fé, que possam ficar de pé  
(Hino 148, “A missão”, Padrinho Paulo Roberto)*

Como foi mencionada anteriormente, a igreja Céu do Mar é a primeira sede do Santo Daime localizada fora da região Norte de nosso país e os dois hinos acima destacados oferecem um importante material acerca da expansão da doutrina e conseqüentemente da bebida ritualizada. No primeiro exemplo, a letra da música apresenta a trajetória do Santo Daime em seu percurso do Amazonas ao Rio de Janeiro através do simbolismo do “beija-flor” que “veio da floresta e pousou na beira mar”. Já o segundo hino vai ainda mais adiante com o “beija-flor atravessando os oceanos e chegando no Japão”. De acordo com os hinos por ele recebido, a própria história de vida do Padrinho Paulo Roberto confunde-se com o percurso do Santo Daime, que aqui descrevemos, principalmente por traçar esse paralelo entre uma história individual e o próprio desenvolvimento da religião: “Meu Padrinho retransmitiu pelas terras do Brasil essa doutrina do amor e me ensinou a ter coragem, força de vontade e comunicar a mensagem. Assim é que um brasileiro aprendeu com um guerreiro a viajar pelo estrangeiro com a luz na mão. Beija-flor atravessou os oceanos, chegou aqui no Japão”.<sup>12</sup>

Outro fato interessante vale ser mencionado: o hino “A missão” foi recebido por Paulo Roberto em uma visita realizada a uma igreja japonesa no ano de 2004. Este cântico, ainda que seja musicado na escala natural (primitiva) de dó maior, o que é bastante comum no gênero musical dos hinos, não

---

<sup>12</sup> Nos dois casos existe uma super valorização da “floresta” e do “Brasil” fato este que se torna indiscutível mediante o enunciado “o Príncipe Imperial foi quem mandou levantar esta bandeira *brasileira* celestial, do brilho da Santa Luz de cristal”. Surge a noção de brasilidade associada a uma idéia do “celeste” e esse fato por si só é demasiado estimulante no estudo da religião no Brasil, por sua peculiaridade antropológica - como sugeriu Soares (1990) - ainda que não seja o foco do presente estudo.

apresenta a utilização do fá e o do si, pressupondo-se uma similaridade com a escala pentatônica, típica da música oriental. Combinada com uma acentuação rítmica particular nos versos cantados este hino cria uma “paisagem sonora” própria e remete a um imaginário do “Oriente”. Como consequência o hino foi ofertado para Shavdo, da igreja japonesa de Nara. Percebemos então que a oferta de hinos conecta redes de relacionamento a curtas e longas distâncias e o presente musical sempre traz alguma característica poética ou musical que pode ser associada tanto ao doador quanto ao receptor da oferta. Assim como na poesia a oferta atravessou os oceanos e chegou no Japão.

### 3.5.2 O anjo de Deus nos protege

A história de Nilton Caparelli também merece destaque. Organizador da primeira viagem internacional realizada pela comitiva do Padrinho Alfredo em 1992, com passagens pela Espanha, Itália, Bélgica e Alemanha, Caparelli havia recebido cerca de dois anos antes o presente que segundo ele corresponde a uma previsão do desenrolar da história.

*“ Uns seis meses ou um ano antes de receber o meu primeiro hino, que foi em julho de 1991 o Padrinho Alfredo me deu um presente. Nós tínhamos feito uma viagem pelo Brasil e depois fomos ao Mapiá e dentro de um feitio ele recebeu esse hino. Nós estávamos trabalhando juntos no feitio, ele me chamou e falou assim “anota aí, me ajuda aqui”. Aí eu falei “você está recebendo um hino?”, ele foi falando e eu fui escrevendo e quando terminou ele falou que tinha recebido aquele hino e que me dava de presente. Aí eu fiquei muito orgulhoso, envaidecido por poder estar recebendo e ao mesmo tempo surpreso por tanta beleza porque o hino é muito lindo e pela própria coisa que vinha por trás disso. Foi o que me deu condições espirituais para que eu pudesse desempenhar o meu papel de companheiro dele pelo mundo nessas viagens de expansão. Uma coisa interessante nesse hino que eu recebi de presente é que na verdade foi uma previsão de tudo o que ia acontecer. Naquela época a gente tinha feito uma única viagem pelo Brasil e ali no hino ele fala “O anjo de Deus nos protege, de leste a oeste, de norte a sul” , abrindo um caminho que estava seguro espiritualmente, não é? A partir daí nós viajamos o mundo inteiro. Durante a década de 90 foram muitas viagens para fora, muitos países, uma expansão muito grande. Então ele teve essa comunicação com o astral que se comprovou numa verdade. Foi o que aconteceu porque nós passamos por situações no exterior muitas difíceis. Uma vez em um castelo a gente foi fazer um trabalho e estava tudo cercado pelos carabineiros italianos com metralhadoras para prender todo mundo, situações desse tipo e sair tudo bem, tudo legal. Entendeu? Então nós estávamos com o anjo de Deus protegendo de norte a sul e essas coisas também foram consolidando a nossa amizade e nossa confiança, porque eu procurava fazer uma coisa dentro da legalidade. O Daime eu mandava legal, então quando acontecia o negócio havia um problema e o problema era esclarecido: “Não pode? Tudo bem, mas até então ninguém tinha dito que não podia”. Então a gente sabia que podia fazer o que estávamos fazendo com segurança porque tínhamos essa proteção espiritual, do anjo de Deus em todos os lugares. De lá para cá o Santo Daime está sendo legalizado em diversos países e cada vez mais as coisas vão sendo abençoadas por Deus.”*

*O anjo de Deus nos protege com seu santo manto azul  
De leste a oeste, de norte a sul. Viva a estrela do azul  
Que faz brilhar as estrelas do céu do arcanjo Rafael  
Este globo gira perfeito com diversas amostragens de cor  
É Deus em tudo, é o fruto, é a flor. Vida do meu Criador  
Que faz brotar com todo vigor. Vida do Rei do amor  
(Hino 157 do hinário “O Cruzeirozinho” do Padrinho Alfredo)*

O hino dá nome ao hinário de Nilton Caparelli e ajudou a consolidar o vínculo de amizade e confiança com o Padrinho Alfredo. Segundo o receptor da oferta os convites para o exterior foram acontecendo espontaneamente e hoje, além de dirigir a igreja carioca Jardim Praia da Beira-Mar, Caparelli coordena a questão da produção e distribuição internacional do Santo Daime, administra a igreja “Céu do Juruá” no Amazonas e também a “Secretaria Internacional do Santo Daime”, organizando entre outras coisas o encontro bienal das igrejas européias. Tudo isso, estimulado pela oferta do hino “Anjo de Deus”, desencadeador de uma maior aproximação e sentimento de amizade.

*“Antes do hino e antes da primeira viagem à Europa eu estava me aproximando mais dele, não podia dizer que era um amigo completo, como hoje, mas estava se iniciando uma amizade forte, estabelecendo uma relação de confiança e foram nos primeiros anos da década de noventa, nesse princípio, que nós estabelecemos esse contato e ele começou a sair do Brasil comigo. Eu era responsável por todos, as pessoas não tinham nem andado muito pelo nosso país e já estavam andando no exterior. Então para eles saírem com uma pessoa pelo mundo tinha que se estabelecer um vínculo forte de confiança, porque não é brincadeira você ir para um país estranho, não conhece a língua e os hábitos. Confiança da parte espiritual de poder sair sabendo que está tudo seguro para fazer essa viagem como também na parte material de você ter as ajudas e saber aplicá-las, saber que sou uma pessoa que tem honestidade no trabalho, isso tudo foi muito importante para a gente ter aprofundado cada vez mais a nossa amizade, nosso sentimento do prazer de estar junto.”*

### **3.6 Rompendo fronteiras**

Até agora vimos casos de ofertas entre padrinhos e madrinhas ou líderes de igrejas, figuras ilustres que na maioria das vezes pertencem à família de Sebastião Mota de Melo e possuem seus hinários periodicamente cantados em centenas de igrejas espalhadas por todo o mundo. Entre os fardados de menor expressão no quadro doutrinário as ofertas obedecem à mesma lógica e seus hinários, praticados por um menor número de pessoas e em poucas datas (como nos dias de aniversário) sob a licença dos líderes da igreja que freqüentam, também operam segundo as mesmas

regras do presentear, ainda que em nível microscópico com ofertas entre grupos de pessoas mais ou menos restritos.

Este é o caso de uma daimista - costureira profissional - que recebeu um hino como presente de um amigo. O cântico contém versos que explicam a vida espiritual utilizando a metáfora da “costura” e nesse caso poderia se dizer que a poesia do presente é a “cara da receptora da oferta”, já que foi a ela endereçado e fala abertamente de sua atividade profissional: *“Essa costura é tão simples sou eu mesmo é quem faço o ponto aqui nessa vida, para mudar seu compasso”*. Assim como ocorre entre os líderes, os hinos ofertados entre os fardados também evocam uma idéia acerca da personalidade de quem recebe o presente.

E as relações assimétricas? Existem ofertas que partem dos antigos líderes para os fardados de menor visibilidade ou destes para padrinhos e madrinhas?

Este ponto abre novas questões na análise da oferta de hinos. Se a dádiva está a serviço do vínculo, mantendo ou criando relações entre os parceiros, haveria pontes ligando postos hierárquicos distintos por intermédio deste tipo de doação?

Acredito existir mais do que um único ciclo de oferta de hinos. Na prática, o primeiro deles e de maior prestígio encontra-se entre os líderes fundadores do CEFLURIS e/ou antigos seguidores, já os demais subconjuntos são formados por grupos menores, contidos neste círculo original mais amplo e limitados aos iniciados, amigos e parentes, que comungam a bebida. É como se cada família de fardados, na companhia de amigos, tivesse seus próprios parceiros neste sistema, porém todos esses grupos de indivíduos podem ligar-se entre si quando novas amizades e casamentos se sucedem, conectando, através dos hinos, pessoas que não tinham contato *à priori*. As pequenas redes de relações e trocas de hinos avançam em direção umas às outras podendo direcionar-se aos hinários oficiais, mediante ofertas feitas a um dirigente de igreja ou iniciativas que partem destes aos fardados. Parafraseando Mauss, a troca de hinos é apenas um termo do contrato mais amplo e permanente entre os parceiros. Sua peculiaridade é a de ligar os mortos e os vivos e/ou estes entre si, em trocas de hinos vividas como espontâneas.

No dizer do Padrinho Alfredo as ofertas são “vínculos familiares”. Assim, participar da troca com algum membro da família de Sebastião Mota é legitimar o parentesco simbólico do adepto dentro da principal família desta vertente do Santo Daime. Portanto, receber hinos como presentes vindos de um dirigente de igreja é algo que nunca será recusado por um membro da doutrina.

Quando isto acontece o fardado sente-se orgulhoso, lisonjeado e até envaidecido pela proximidade afetiva que a oferta desperta. Esta ligação afetiva também possui um significado hierárquico muitas vezes descrito por um “sentimento de pertencimento”. Vejamos alguns casos em que isto ocorre.

Um dos membros da comitiva de Alfredo Gregório de Melo, que entre outras coisas é o responsável pela alimentação do grupo dentro e fora do Brasil, recebeu um hino de presente do Padrinho Alfredo e me disse: “na hora eu até brinquei falando que estava ficando importante”. Segundo ele a oferta deu-lhe maior estímulo para trabalhar nas viagens do líder e foi uma espécie de “reconhecimento pelo papel que desempenha”.

### **3.6.1 “O presente que o vento soprou, aos pés do Cristo Redentor”**

Uma cerimônia até impressionante aconteceu no ano de 1984, antes da primeira visita do Padrinho Sebastião no Rio de Janeiro, quando seu filho Alfredo conheceu a cidade e pela primeira vez viu o mar. Na época alguns poucos daimistas da recém- formada igreja “Céu do Mar” - que um ano antes haviam conhecido a família de Sebastião Mota em visita ao estado do Amazonas - acomodaram o estimado Padrinho Alfredo em suas próprias residências. Novos laços de afinidade nasciam entre o filho do grande líder e essas pessoas do sudeste brasileiro. Um exótico e audacioso ritual no morro do Corcovado celebrou a visita e Biná, a mais velha do grupo - na época com quase cinquenta anos de idade – foi talvez uma das principais anfitriãs nesta primeira estadia do Padrinho Alfredo Gregório de Melo no Rio.

Esta história foi um dos grandes marcos na mudança do estilo de vida desta seguidora da religião, que três anos depois abandonou o emprego em uma empresa de turismo na zona sul do Rio de Janeiro e foi viver na comunidade auto-sustentável do “Céu do Mapiá”, onde mora a vinte anos. Segundo Biná foi após o ritual no Corcovado que ela recebeu “o melhor e mais bonito presente de sua vida” que a fez ter certeza de sua completa ligação espiritual com a doutrina.

*“Um grande amigo que também tomava Daimé, produtor de cinema e televisão, pediu à direção e fez uma carta pedindo a cessão do Corcovado dizendo que era para uma filmagem e o pedido foi concedido. Nós chegamos até lá com as fardas e todos os instrumentos musicais, com o Daimé e tudo o que precisávamos para o trabalho. Sete horas da noite era a hora que fechava e nós entramos para fazer esse trabalho incrível. Passamos por tudo lá dentro, o Cristo aqui e nós ao redor, bailando e fazendo tudo ao redor do Cristo Redentor, cantando e etc. Aí a temperatura, a friagem da madrugada, o vento da praia, tudo era tanto frio que nada nos agasalhava, tudo o que havíamos levado botávamos em cima e tilintávamos de frio, até as sete horas da manhã. Cantamos hinos do Padrinho Alfredo e em um momento do trabalho que todo mundo ficou em*

silêncio eu estava do lado dele e percebi que cantarolava um hino que eu achava que ele estava recebendo, cantarolava baixinho só a primeira estrofe, o hino estava começando a nascer nessa hora e eu senti inclusive que o hino seria meu, tive a intuição, mas ele não disse nada e não cantou. Bom, o trabalho no Corcovado foi uma experiência muito importante dentro daquela imensidão de montanha e de mar, tudo se via ali e o Cristo Redentor abençoando, foi muito maravilhoso. Acabamos o trabalho, ele foi embora, voltou e não disse nada a respeito do hino e eu esqueci também, não me lembrei mais e ele foi embora, retornou para o Mapiá. Aí, dois meses depois desse acontecido alguém veio de lá trazendo uma fita muito interessante gravada por ele. Então o mensageiro, que eu não me lembro quem foi, disse: “Ah, estou aqui com uma fita, vamos fazer uma reunião”, nessa ocasião não tinha ainda as igrejas, não tinha nada ainda, então as reuniões era quase sempre na minha casa, eu morava em um apartamento lá em Copacabana e eu recebia os poucos daimistas da época. Então eu não sabia de nada, mas convidei o grupo, fizemos um jantar e nessa fita vieram quatro hinos e o Padrinho Alfredo foi muito bonito. Eu até tinha a fita, não sei se ainda estou com ela, deve estar lá no Mapiá, ele faz a dedicatória e nós botamos para tocar e foi uma surpresa muito boa. Ele nos cumprimenta e canta os hinos, quando canta o “Cristo Redentor” diz “este hino eu ofereço para Biná”, entendeu? Uma coisa incrível, aí ele canta (risos) [O que sentiu na hora?] Um presente. Uma alegria muito grande, muito grande mesmo. Eu vi que eu estava completamente ligada com a história, como estou até hoje, moro lá e vivo disso, meu estudo espiritual, a minha vida agora toda é em função do Daime. Porque são vinte e quatro anos de estudos profundos, porque o Daime é muito sério. Nesse meio tempo eu vi muita gente entrar e muita gente sair, porque não são todos. Se você for prestar atenção, você vai ver que os hinos são históricos, eles marcam épocas e isso é a coisa mais linda, a história do Daime está no hinário de cada um e lembramos de tudo aquilo quando cantamos o hinário. Por exemplo o hinário do Padrinho Alfredo para mim é muito importante porque é o começo da minha história espiritual com o Daime, por isso ele é muito importante para mim, ainda mais eu tendo esse hino que eu amo (...) O meu hino, “Cristo Redentor”, que ele recebeu a primeira estrofe lá em cima do Corcovado, acabou de receber quando ia embora de volta, mas não publicou nada, ficou calado. Eu considero este hino, o hino do Rio de Janeiro do Daime, inclusive ele foi cantado quando houve uma cerimônia importantíssima de diversas religiões no aterro do Flamengo e foi um aplauso total, como se fosse um hino nacional, todo mundo gosta dele porque é o puro Rio de Janeiro. Ele fala do vento que soprou e realmente ventava muito, fazia muito frio naquela noite. Toda natureza, você olha a letra e vê que tudo ele está lembrando, tinha a lua, a luz do sol nascente, o mar e as montanhas, tinha tudo, a natureza era belíssima. Aí ele faz uma saudação, é um presente este hino, “saúdo a todos que se fazem aqui presentes” é o melhor presente que eu já recebi na minha vida, o mais bonito [Por que?] Ah, porque é um presente maravilhoso e espiritual, do qual fiz parte, do Rio de Janeiro, da minha história, entende? Me dá uma alegria muito grande ser possuidora deste hino, dele me pertencer. Sempre que é cantado se eu estiver na mata eu venho até aqui, se eu estiver aqui eu vou até lá, é uma coisa muito forte que acontece comigo, vem todo o ritual do trabalho, toda a alegria, toda a sensação, toda a beleza, tudo vem, zum-zum-zum, vem, retorno ao ritual. [A senhora vê alguma razão para esta oferta] Não sei. Eu acho maravilhoso ele ter ofertado para mim, mas a razão? Eu não recebo hinos de forma mediúnica, eu nunca recebi hinos e pelo que eu sei quando você recebe um hino quase sempre ele já vem para a pessoa. Esse hino ele recebeu, estava a meu lado e ele viu que era para mim esse hino. Eu acho que o motivo é esse.”

O hino “Cristo Redentor” é o de número 143 do hinário “O Cruzeirinho” do Padrinho Alfredo:

*Em homenagem vou cantar este presente, em união para todos compreender*

*Lembrando a Lua e a luz do Sol nascente, sentindo o mar e as montanhas perceber  
Saúdo a todos que se fazem aqui presentes, rogando a Deus para todos entender  
Que o tempo é chegado para todos, filhos de Deus que desejarem aprender  
Esta força é viva no Espírito de cada um que em matéria está vivendo  
Somente Deus é quem domina todos seres, juntinho à Mãe sabe o que está fazendo  
Eu agradeço a Jesus Cristo Redentor, à Virgem Mãe com carinho e com amor  
Ao Mestre Império, ao Senhor São Irineu, meu Pai e eu e todos que acreditou  
Eu arremato agradecendo a natureza, esta beleza que o vento me soprou  
Louvados sejam sempre os seres divinos, dou viva a Deus aos pés do Cristo Redentor*

Segundo a receptora do presente o hino ofertado pelo Padrinho Alfredo – que por sua vez o havia recebido do “vento”, de acordo com a poesia - é a confirmação de uma missão espiritual que estava por vir na sua mudança definitiva ao Mapiá. Enquanto o registro de um momento ímpar na história da doutrina em sua expansão ao Rio de Janeiro, o presente recebido ainda hoje faz Biná sentir-se alegre e parte integrante da história contada no hinário. Como vimos, a hipótese do hinário como biografia compõe o próprio discurso da fardada, lendo ali a sua própria história. As canções dos padrinhos e madrinhas seriam não só uma lembrança de suas histórias pessoais, mas o relato mais abrangente do histórico oficial da própria doutrina, sintetizando a vida espiritual como um todo: o “Terceiro Testamento” por excelência, nos termos de alguns fiéis. O peso simbólico de participar de uma parcela significativa desta história divina é o que faz do hino o presente mais especial na vida de Biná. Por intermédio da oferta ela é convocada a ingressar no círculo íntimo do Padrinho Alfredo cujo hinário passa a ser o mais importante em seu ponto de vista.

O hino fala quase em sentido literal sobre a cerimônia realizada “aos pés do Cristo Redentor”. Ainda nele encontramos mais uma ligação entre Mestre Irineu, Padrinho Sebastião e Padrinho Alfredo - como na imagem que mencionei com os dois sucessores segurando quadros com fotos do devido antecessor - recontando a trajetória de vida de Alfredo Gregório e da doutrina a um só tempo: “Ao Mestre Império, ao Senhor São Irineu, meu Pai e eu e todos que acreditou”. Neste trecho o hino rememora os principais líderes em sucessão cronológica culminando com “todos que acreditou” - os seguidores, incluindo Biná e os precursores do Santo Daime no Rio de Janeiro.

De lá para cá Biná recebeu diversas ofertas de filhas, filhos, netos, padrinhos, madrinhas e amigos e pode-se dizer que ela participa do ciclo dos hinos na posição exclusiva de receptora de ofertas, já que não recebe músicas. Suponho até que após um presente importante como este do Padrinho Alfredo o número de ofertas tenha crescido consideravelmente, assim como pude encontrar em todos os hinários daqueles que recebem ofertas dos líderes. Em pouco tempo essas pessoas, mesmo que não recebam seus próprios hinos, estão com um volumoso hinário de canções ofertadas

por diversas pessoas que, de forma secundária, conectam-se de alguma maneira aos hinários oficiais. Percebe-se aqui a dimensão hierárquica da troca de hinos, com os hinários dos líderes possuindo *status* especial e fornecendo prestígio àqueles que recebem suas ofertas.

### **3.7 Adentrando o círculo dos padrinhos e madrinhas**

E quando a oferta parte de um fardado? Mauss já havia percebido que a dádiva é um convite à parceria e portanto negar um presente é recusar a aliança. Miller também destacou a recusa como um risco inerente à troca, que longe de ser um “sistema” estático é agenciada pelos indivíduos na interação social.

Os hinos dos fardados podem ser cantados em trabalhos pequenos (como aniversário) e determinado cântico pode ser escolhido por músicos e puxadoras para compor a coletânea dos “hinos de despacho” de uma igreja em particular, caso a sua poesia aborde a questão da distribuição e ingestão do Santo Daime, assim como os trabalhos menores, fora do calendário oficial, estão mais abertos às canções de daimistas não conhecidos publicamente: dia de Iemanjá com hinos de diversas pessoas, etc. Agora, quando o hino de um fardado é ofertado, aceito e posteriormente ingressa em um hinário oficial, de um padrinho ou madrinha, a sua visibilidade é maior e o cântico entra no calendário da doutrina, sendo cantado em todas as igrejas em trabalhos considerados oficiais. O nome da pessoa é então publicado na seção dos “hinos ofertados” daquele que legitima o presente.

Lévi-Strauss falou nos cartões de Natal, expostos nas chaminés, como objetos ligados à quantidade de vínculos sociais, assim como Miller apresenta os cartões do *Valentine's Day* demonstrando preferências. Apesar disso, a troca, “idioma” capaz de socializar devido ao compartilhamento de símbolos e significados particulares, diferencia-se de uma simples declaração pública de afinidades e sobrevive sob uma ideologia do presentear gratuitamente e motivada por um discurso de profundo desinteresse.

Se existem significados ocultos relacionados com as histórias de vida daqueles que recebem o hino e a oferta, anexar um presente deste tipo em seu caderno de hinos é reconhecer publicamente uma certa imagem e semelhança com o doador, já que ambos se vêem no hino. Isto não é muito difícil quando se dá entre amigos, parentes e entre os líderes, todos “iguais”, mas quais são as



peculiaridades deste tipo de troca quando vem de baixo para cima no quadro doutrinário hierárquico, ou seja, o que acontece quando um recém-iniciado oferta um novo cântico a uma figura ilustre?

Alguns dos líderes optam por não possuir um hinário de ofertados, colocando apenas os hinos dos demais padrinhos na abertura de seus hinários pessoais. Muitas vezes os padrinhos já possuem um ou dois hinários volumosos e afirmam que ficariam com muitos hinos caso viessem a publicar as diversas ofertas que recebem. Nestes casos, ganham hinos como presente mesmo sem publicá-los. Chegam a escutar as ofertas alheias e mesmo que as admirem não passam a memorizá-las ou cantá-las conjuntamente aos seus hinários.

*“Olha, depois de um tempo as pessoas costumam me ofertar algum hino. A pessoa oferta um hino de seu hinário, acho até com a finalidade de ficar assim mais integrado comigo [E como faz? Toma conhecimento desses hinos? Chega a conhecer?] Eu conheci quase todos. Não tenho é desenvolvido o ensaio diretamente, mas com certeza me dão sempre anotado, gravado ou então eu recomendo que passem para tais e tais pessoas que estão cuidando dessa parte. Estamos organizando para que isso também tenha o seu valor, um hinário junto, uma junção de hinos de vários irmãos num só caderno [E os hinos que oferta?] Basicamente as pessoas que receberam hinos meus de presente, iniciaram seus hinários com eles. Se ele já tinha um hinário iniciado, ele colocou no começo. Alguns hinos podem também estar numa parte ideal ali do hinário.”[Padrinho Alfredo]*

*A Madrinha Rita tem todos os ofertados dela, a Madrinha Júlia também, não é? E também muitos outros padrinhos. O Alfredo tentou fazer um tempo, mas acho que ele (...) Eu me lembro do tempo, há muitos anos atrás o Alfredo ensaiava os presentes dele, mas ficou por aí mesmo, eu nunca vi ele botar isso para frente também não. Normalmente a gente coloca no início do hinário as ofertas do pessoal que vem na frente da gente, que precederam e que abriram caminho, dando uma guia. No meu caso tenho hinos do Padrinho Sebastião, Madrinha Rita, Alfredo, Valdete e Nonata.[Padrinho Paulo Roberto]*

Os rituais e os cadernos recebem o mesmo nome, *hinário*, e possuem uma forte semelhança estrutural, enquanto dimensões de uma mesma experiência. O costume dos fardados é o de colocar as ofertas dos padrinhos nas primeiras páginas dos hinários encadernados, cantando-os em primeiro lugar. Em seguida são entoados os hinos da própria pessoa e então, só depois, pode-se cantar os hinos ofertados. Esta composição dos cadernos assemelha-se à estrutura do bailado, já que na frente de uma dada pessoa situa-se os líderes, cujos hinos serão cantados “na frente”. Assim como as alas do bailado levam em conta o desenvolvimento musical dos neófitos, os caderninhos publicam o reflexo desta mesma noção de desenvolvimento e novamente a habilidade musical e espiritual – vivida como estando ligada aos sentimentos - é um parâmetro definidor de quem está na frente ou atrás nos hinários (rituais e cadernos). Habilidade esta, que se diga de passagem, é tida quase como

sendo inata entre os membros da família de Sebastião Mota, detentores de um prestígio especial e exemplos da conduta ritual-musical idealizada pelo grupo de seguidores.

“Recusar” não é um verbo utilizado no universo das ofertas e ainda que o hino doado não ingresse no caderno do receptor, esta resposta não é necessariamente vista como uma “recusa”. Como mencionado, padrinhos e madrinhas (ou outros) podem não estar dispostos a estender a quantidade de hinos que possuem e existiriam basicamente duas conseqüências para um hino ofertado: o receptor ouve o presente, guarda o papel da letra, a fita ou Cd (caso sejam dados), geralmente agradecendo e/ou elogiando o novo cântico e então dificilmente o cantará novamente, especialmente quando este padrinho (ou madrinha) não tem o costume de entoar os hinos que recebe dos fardados. O doador então escreve em seu hinário encadernado que o cântico foi dado a tal expoente da doutrina, registrando aquele momento. Certa vez um rapaz me contou ter ouvido o hino de uma moça dizendo “ninguém pode se firmar”, ele então sugeriu após o término da cerimônia “Por que você não canta ‘todos *podem* se firmar’ ao invés de ‘ninguém pode’?”. A moça muito irritada com a “correção” respondeu “então você vá falar com o Padrinho Valdete porque eu dei este hino para ele”. O rapaz comentou comigo “ela quis dizer que o Padrinho Valdete tinha ‘passado o visto’, mas já imaginou a quantidade de hinos que esses padrinhos recebem? O Valdete mesmo nem canta os presentes dele, mas aceita, fazer o que, vai sair negando por aí?”.

Uma segunda possibilidade, oposta a esta, é a do líder fazer questão de colocar o novo cântico junto aos seus “hinos ofertados”, publicando o nome do doador. Isso tende a ser o início de uma maior aproximação afetiva entre seguidor e padrinho. Enaltece-se nestes casos que perante a Deus somos todos iguais e que a quantidade de hinos, posição nas fileiras e etc. não é parâmetro para um juízo de valor acerca do encontro íntimo de um neófito com as divindades. Nota-se também que “ vaidade” e “egoísmo” são categorizados como armadilhas da vida espiritual.

*O Sol que veio a Terra para todos iluminar  
Não tem bonito e nem feio, Ele ilumina todos iguais.  
(Hino 64, “Eu peço a Jesus Cristo”, Mestre Irineu)*

### **3.7.1 Da vergonha à alegria: a amizade gerada da oferta**

No ano de 1994, a Madrinha Júlia - na época com sessenta e um anos de idade - passava curta temporada no Rio de Janeiro e sofreu um acidente seriíssimo, ao cair da altura de quase quatro

metros, fraturando a bacia. O jovem Cadú - fardado havia apenas um ano - recebeu um cântico neste mesmo dia, após uma oração pela cura da madrinha e entendeu que deveria oferecer-lhe a mensagem musical na forma de um presente. Inicialmente envergonhado e nervoso - como é de praxe nos casos de ofertas deste tipo - Cadú sentiu um ar de desconfiança por parte das senhoras que acompanhavam a Madrinha Júlia no leito, mas pediu para cantar e se surpreendeu com a resposta positiva daquela que recebeu a oferta. Mesmo sem saber o nome do jovem doador, Madrinha Júlia referiu-se a esta canção durante cerca de seis anos, pedindo ajuda de diferentes pessoas, em meio a sucessivos e espaçados encontros e desencontros até colocá-la definitivamente junto a seus hinos.

*“Não lembro exatamente em que dia, tenho até anotado lá e ela caiu lá do telhado da casa da Madrinha Rita que tem aqui no Céu do Mar, lá em cima. Vazou o telhado, caiu lá embaixo e fraturou a bacia, foi hospitalizada e ficou durante quase um ano com cama de hospital. Nesse dia que ela caiu o Chico me ligou falando: “A Madrinha Julia sofreu um acidente. Você está saindo do trabalho? Dá uma passada aqui para a gente fazer uma oração para ela, porque você conhece os hinos dela”. Eu, ele e outros dois fizemos essa oração e eu senti uma coisa muito especial e veio vindo assim num rompante só, um hino também pequenininho, de duas estrofes duplas, veio, mas veio num rompante só. Isso foi depois do trabalho, eu estava ainda na força do Daime e veio vindo. Peguei o violão comecei a bater dó maior, comecei a sentir a melodia, todos os meus hinos eu senti a melodia todinha primeiro e depois é que vinha acompanhar a mensagem. Nesse caso esse hino tem uma mensagem de esperança e de cura. Mas na hora só estava eu e Chico e ele até pensou que o hino era para ele, depois eu expliquei: “É para a Madrinha cara, vou dar para ela” e fiquei morrendo de vergonha de dar o hino. Eu já sou um cara encabulando e na época eu era fardado novo, bem novo, tinha acabado de fardar, não tinha nem um ano e já era o quinto hino. E aquelas dúvidas que dão, não sei as outras pessoas, mas em mim deu muito, por mais que você saiba que você não está inventando o negócio, você não sabe medir com certeza até que ponto você está interferindo ou não. Neste caso deste hino eu fiquei com muita vergonha porque eu estava naquela “Pô, Madrinha Júlia. Quem sou eu?”, besteira, coisa que por exemplo quando eu fui lá, acabou que eu apresentei porque na época a minha esposa Andréia forçou a barra e falou “você tem que apresentar, esse hino é bonito, ela vai gostar e ela está precisando”. Ela estava muito triste, abatida e esse hino trouxe um bem estar para ela tão grande que nunca esqueceu e sempre que ela me via, não sabia nem meu nome, mas falava “canta aquele hino”, firmou o hino, colocou no hinário dela e canta lá no Mapiá. Gostou muito do hino, foi muito especial e achei engraçado isso porque eu estava morrendo de vergonha de entregar para ela. Chegou na hora lá, apresentei, cantei, ela ouviu, estava deitadinha na cama, aí eu entrei com a Andréia e falei: “Madrinha, a gente fez uma oração no dia que a senhora se acidentou, recebi um hino e queria cantar ele porque acho que é para a senhora”, aí ela falou “canta meu filho”. Não estava com violão nessa hora porque na época nem tocava nos trabalhos. Tinham umas pessoas, umas mulheres no quarto, elas ficaram meio, não sei, não me conheciam e olharam meio desconfiadas: “o que esse cara vai cantar no ouvido da Madrinha?”, aí acabou que o hino saiu. Fiquei tão nervoso, me lembro como se fosse hoje, tive que fechar o olho aproveitando que tinha que ficar concentrado e o hino saiu tão bem, foi uma sensação tão boa que aí ela pediu para cantar de novo. Tomei coragem e cantei de novo. De lá para cá nós firmamos esse hino, uma coisa muito especial, eu lembro que isso foi em 94 e eu tive com ela só em 97 quando ela teve no Rio porque eu nunca fui ao Mapiá. Na igreja lá de Petrópolis ela se*

*lembrou e pediu para eu cantar “aquele hino que você me deu quando eu estava doente, canta aí”, muito especial não é cara? Três anos depois e eu nem imaginava que ela lembrava.[E como entrou no hinário dela?] Aí uma colega nossa que hoje em dia tem uma igreja em Portugal estava aqui, muito ligada à Madrinha Julia, foi ao Mapiá, passou um tempo com ela e a Madrinha ficou toda feliz porque ela conhecia o hino e falou “Pô, você conhece aquele hino daquele menino do Céu do Mar?”, não sabia nem meu nome. Falou “Você sabe? Canta então”, aí começou a cantar, começou a firmar e falou “diz para ele firmar lá no Céu do Mar. Quando cantarem meu hinário, cantem esse hino porque eu vou cantar aqui também”. [E o que você sentiu a primeira vez que tocou seu hino no hinário dela?] Nossa senhora! Tive esse prazer aqui mesmo agora e tive a honra de saber em 2000, quando o pessoal lá de Petrópolis foram no Mapiá, a Madrinha viu o pessoal lá e pediu de novo. Isso foi em 2000, olha como é que foi: “sabe aquele hino daquele menino, o Cadú?”, aí já sabia meu nome. Aí uma amiga minha falou: “Cara! A Madrinha pediu no meio do salão, para eu cantar o hino, no trabalho no Mapiá e só eu sabia o hino”. Quando ela voltou de viagem e contou isso para mim, fiquei tão prosa que falei “Pô, nunca fui ao Mapiá, mas o hino já foi, né?”. A primeira vez que cantei esse hino no hinário dela foi uma sensação muito especial, me senti assim dentro até de uma responsabilidade, não sei explicar. Não é uma graduação de um título de alguma coisa que você seja mais valorizado porque o hino está no hinário de uma madrinha ou de um padrinho, mas uma sensação muito boa, ter aquele conjunto de hinos e o seu estar ali dentro, lembrando aquela história, aquele momento, é uma satisfação pessoal muito grande. Eu gosto muito dela também.”*

A oferta deste hino despertou diferentes sentimentos no doador, desde a entrega até a aceitação e publicação no hinário. Em primeiro lugar sentiu-se envergonhado, talvez supondo que uma “igualdade parcial” entre ele e a experiente madrinha pudesse não ser reconhecida por aquela de maior prestígio: é o risco inerente à oferta (Miller, 1993). Pouco depois Cadú sentiu prazer e satisfação quando teve a legitimidade de seu hino reconhecida. O doador também se sentiu honrado e com uma responsabilidade especial por fazer parte de um hinário tão estimado coletivamente, ainda que afirme não se tratar de uma maior valorização da sua pessoa em meio aos demais.

É curioso que neste exemplo o vínculo nasce do hino e não o contrário, já que apenas Cadú sabia quem era a Madrinha Júlia, fato marcado pela atenção dada ao hino mesmo antes da madrinha memorizar o nome próprio do doador. Por fim o hino rompeu barreiras geográficas e hierárquicas, fazendo a ponte do Rio ao Mapiá, lugar que Cadú nunca teve a oportunidade de conhecer. Também estabeleceu uma aliança com a madrinha na época em que ele era um “Zé ninguém”, conforme explicitado em outro trecho da entrevista. A humildade da líder também foi ressaltada pelo entrevistado e seu prestígio ainda mais valorizado, pois ela do alto de seu “posto” elevado na religião permitiu que um desconhecido adentrasse em seu universo de relações particulares, por intermédio do hinário - assim como nos cartões de Natal expostos e no *Valentine’s Day*. A oferta de hinos, um “sistema de prestações totais” (Mauss, 1974), fez doador e receptora - embora agentes autônomos e independentes - compartilharem de uma maior proximidade, reafirmando o vínculo que nasceu da

oferta inicial no desdobramento sucedido em troca de bens de outra ordem, como gentilezas e jantares. Assim completou o entrevistado:

*“O hino definitivamente fez a nossa relação, porque a gente não tinha. Ela não me conhecia e até hoje que sou fardado há quase quinze anos, nunca fui ao Mapiá. Se não fosse esse hino a gente não teria ligação quase nenhuma, só espiritual mesmo, igual ao que ela tem com todos, não é? [Você já conversou outras coisas com ela?] Da vida? Já, já. Graças a Deus e tudo isso depois dessa história, até porque a gente começou a ter esse relacionamento depois do hino. Já tive oportunidade de encontrar e ela sempre pergunta como vão as coisas, como está a família. Ela não conhece minha filha ainda, vou dar essa novidade para ela. Quando ela vem no Rio, me chama para almoçar. [Então passou a considerá-la uma Madrinha especial?] É cara, é verdade. Porque a gente da doutrina tem um carinho fenomenal pela Madrinha Rita que é uma figura especialíssima para a gente, a lembrança mais viva do Padrinho Sebastião que tem aí, é ela e eu não tenho tanto conhecimento. Com a Madrinha Julia tenho uma relação mais assim que seria de mãe, de Madrinha mesmo. Se eu for recorrer a alguém, vou recorrer a ela. Ela me conhece, vai olhar para mim e vai falar “senta aí” e antes do hino não tinha realmente isso. Esse hino trouxe essa aproximação [Por que?] Não sei, tive a impressão de que ela se sentiu inclusive muito lisonjeada, apesar de eu ser um “Zé Ninguém” na época principalmente, eu tinha acabado de chegar no Daime. “Poxa, você recebeu um hino para mim?”, ela tem uma certa humildade, uma coisa que a gente não vê muito por aí hoje em dia, mas eu senti que ela teve uma felicidade de receber aquele hino. Inclusive eu lembro que esse hino fala da chuva e na época estava muito tempo sem chover e choveu, essas coincidências agradáveis que acontecem no Daime.”*

### **3.8 O potencial ofensivo de um hino ofertado**

Existem ainda casos atípicos onde alguns hinos foram realmente negados ou por algum motivo não puderam ser publicados. Destaco uma curta história.

Dois conhecidos estavam no ritual do feitiço do Santo Daime, ajudando a preparar a bebida e por algum motivo se desentenderam. Chegaram a discutir e passados algumas horas em silêncio um deles afirmou ter recebido um hino e antes de cantá-lo fez questão de ofertar ao outro rapaz. Curiosamente a canção trazia em seus versos um tipo de afirmação do ponto de vista daquele que cantava, sendo uma espécie de aval divino afirmando que o receptor do hino (doador do presente) estava com a razão na discussão que os havia deixado exaltados. O receptor da oferta, ainda convicto de sua posição, sentiu-se impedido de aceitar o presente e chegou a dizer “não vou aceitar porque isto não é um hino, é uma flecha”.

Essa história bastante incomum dramatiza a natureza do vínculo doador/receptor de forma especial. O presente não correspondia a uma imagem positiva que o receptor da oferta entendesse como sendo adequada à sua pessoa e ao contrário de ser um pedido de perdão ou união, o hino tinha o propósito de retomar a discussão “atingindo” (como uma “flecha”) um dos lados com a autoridade

da “voz” supostamente divina, que só um hino poderia reivindicar - como se fosse um tipo de juiz dando o veredicto final. A troca, uma “linguagem”, é vivida por indivíduos concretos agenciando normas “gramaticais” em seu manuseio e então dizer que “não era um hino” é questionar a autenticidade de sua autoridade divina e negar a oferta é não aceitar ser visto da maneira como o cântico e seu doador propunham. Mais uma vez a regra fundamental da oferta de hinos, ligar doador e receptor enquanto imagens e semelhanças do presente, foi reforçada já que a recusa partiu do descontentamento de uma das partes envolvidas - ao fazer uso do direito da não aceitação da imagem ali evocada. Muitas vezes a importância de uma regra social pode ser percebida com maior facilidade nos momentos em que é quebrada.

Esse conjunto de situações narradas, em que hinos recebidos/ofertados servem como criação de vínculos afetivos, dramatização de hierarquias e até mesmo insultos ilustra a fecundidade do recurso às teorias da dádiva para se interpretar a circulação de músicas como um sistema-dádiva, com regras “gramaticais” próprias e suscetíveis ao manuseio dos indivíduos. Os daimistas “falam” - de diferentes formas - através dos hinos e das ofertas, de acordo com os lugares que ocupam dentro de relações específicas - de parentesco, amizade e/ou posições hierárquicas e de prestígio na doutrina.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMOWITZ, Rodrigo Sebastian. *Música e Miração: uma análise etnomusicológica dos hinos do Santo Daime*. Dissertação de mestrado em Música Brasileira. Rio de Janeiro, UNIRIO, 2003.

ABREU, Regina. A Doutrina do Santo Daime. In: LANDIM, Lílah (Org.) *Sinais dos Tempos*, Rio de Janeiro, Instituto de Estudos da Religião, 1990.

ANDRADE, Julieta de. "Música e Dança na 'Miração' do Santo Daime". *Musices Aptatio – Anuário de Estudos Hinológicos e Musicológicos*, 1981.

ARAÚJO, Wladimir Sena. *Navegando sobre as ondas do Daime: história, cosmologia e ritual na Barquinha*. Campinas. Unicamp, 1999.

BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOURDIEU, P. 1996. A ilusão Biográfica. In: AMADO, J. & FERREIRA, M.M (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

\_\_\_\_\_. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

\_\_\_\_\_. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. *Mana*, v.2, n.2, p. 7-20, 1996

CALLAWAY, J.C. A proposed mechanism for the visions of dream sleep. *Medical Hypotheses*. n. 26, 119-124, 1988.

CEMIN, Arneide Bandeira. O poder do Santo Daime: Ordem, Xamanismo e Dádiva. São Paulo, Terceira Margem, 2001.

COELHO, Maria Claudia. O valor das intenções. Dádiva, emoção e identidade. Editora FGV, 2006.

COUTO, Fernando La Roque. *Santos e Xamãs*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1989.

\_\_\_\_\_. Santo Daime: rito da ordem. In: Beatriz Caiuby Labate e Wladimir Sena Araújo. (Org.). *O Uso Ritual da Ayahuasca* (2a. Edição). Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DEMANGE, François. *Amazonian Vegetalismo: A study of the healing power of chants in Tarapoto, Peru*. M.A in Social Sciences by Independent Studies. University of East London, 2002.

DOBKIN DE RIOS, Marlene. *Visionary Vine: Hallucinogenic Healing in the Peruvian Amazon*. Illinois: Waveland Press, Inc., 1972.

DUMONT, Louis. *O Individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985

\_\_\_\_\_. *Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica*. Bauru:EDUSC, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

FRENOPOULO, Christian. *Charity and Spirits in the Amazonian Navy: The Barquinha Mission of the Brazilian Amazon*. Master's thesis. Department of Anthropology, University of Regina. Regina, Canada, 2005.

FRÓES, Vera. *Santo Daime, Cultura Amazônica: Historia do Povo Juramidam*. Manaus: Suframa, 1983.

GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro:FGV, 1999

GOFFMAN, E. A elaboração da face. In: FIGUEIRA, S. (Org.) *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GOULART, Sandra. *Raízes culturais do Santo Daime*. Dissertação de mestrado em Antropologia, USP, 1996.

GROISMAN, Alberto. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.

JACOB, M.S. & PRESTI, D.E. Endogenous psychoactive tryptamines reconsidered: an anxiolytic role for dimethyltryptamine, *Medical Hypotheses*. n. 64, pp. 930-937, 2005.

LABATE, Beatriz caiuby. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 2004.

\_\_\_\_\_; ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.



\_\_\_\_\_ ; GOULART, Sandra Lucia (Orgs). *O uso ritual das plantas de poder*. São Paulo, Mercado de Letras, 2005.

LANGDON, Esther J. “Yagé among the Siona: cultural patterns in visions”, In: *Spirits, shamans and stars*; BROWMAN, D.L. e SCHWARZ. R.A. (Eds.), The Hague, Mouton Publishers, 1979.

\_\_\_\_\_ A Tradição Narrativa e Aprendizagem com Yagê (Ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia. In: LABATE, B. C. & ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

LEACH, Edmund. *Political Systems of Highland Burma*. Boston:Beacon, 1954.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

\_\_\_\_\_. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LUNA, Luis Eduardo. *Vegetalismo: Shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon*, Stockholm, Sweden, Almquist and Wiksell International, 1986.

MACRAE, Edward. *Guiado pela Lua: Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

MONTEIRO DA SILVA, Clodomir. *O Palácio Juramidam - Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Cultural, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MAUSS, Marcel. A Expressão Obrigatória dos Sentimentos In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre a Dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU, 1974.

\_\_\_\_\_. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu” In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU, 1974.

McKENNA, D. J.; TOWRES, G. H. N. “Biochemistry and pharmacology of Tryptamines and beta-carolines”, in: *J Psychoactive Drugs* 16, 1984.

MERCANTE, Marcelo. *Images of Healing: spontaneous mental imagery and healing process of the Barquinha, a Brazilian ayahuasca religious system*. Tese de doutorado em Human Sciences/Consciousness and Spirituality. Saybrook Graduate School and Research Center, SAY, Estados Unidos. 2006.

MILLER, William Ian. Requiting the unwanted gift. In: \_\_\_\_\_. *Humiliation*. Ithaca: Cornell University Press, 1993.

MORTIMER, Lúcio. *Bença, Padrinho..* São Paulo, Edição: Céu de Maria, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nosso Senhor Aparecido na Floresta..* São Paulo, Edição: Céu de Maria, 2001.

NETO, Florestan J. *Contos da Lua Branca*. Rio Branco, Gráfica Printac, 2003.

NUNES PEREIRA. *A Casa das Minas*. Petrópolis: Vozes, 1979.

OKAMOTO da Silva, Leandro. *Marachimbé veio foi para apurar. Estudo sobre o castigo, ou peia, no ritual do Santo Daime*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil, 2002.

PACHECO, Gustavo. *Os hinos são as correntes: notas para um estudo antropológico da música no Santo Daime*. Texto apresentado para disciplina antropologia da religião, PPGAS, Musel Nacional/UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_ ; LABATE, B. C. . Matrizes Maranhenses do Santo Daime. In: Beatriz Caiuby Labate e Wladimir Sena Araújo. (Org.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*, Campinas: Mercado de Letras, 2004.

POLARI, Alex. *O Livro das Mirações: viagem ao Santo Daime*. Rio de Janeiro, Record, 1984.

\_\_\_\_\_. *Guia da Floresta*. Rio de Janeiro, Record, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho segundo Sebastião Mota*. Cefluris Editorial, Céu do Mapiá, AM, 1998.

REHEN, Lucas Kastrup F. *Recebido e Ofertado: A natureza dos hinos na religião do Santo Daime*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, PPCIS/UERJ, 2007.

ROSALDO, Michelle Z. *Toward an Anthropology of Self and Feeling*. In: SHWEDER, R. e LeVINE, R. (Orgs.). *Culture Theory - Essays on Mind, Self, and Emotion*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

SEEGER, Anthony. *Por que os índios Suya cantam para as suas irmãs?*. In: *Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.

\_\_\_\_\_. *Os índios e nós. Estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

\_\_\_\_\_. *Why Suyá Sing. A Musical Anthropology of Amazonian People*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

SOARES, Luiz Eduardo. . O Santo Daime no contexto da nova consciência religiosa. In: Leilah Landim. (Org.). *Sinais dos Tempos. : ISER*, 1990

STRASSMAN, R.J. *DMT: the spirit molecule*. Rochester, Vermont: Park Street Press, 2001.